



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TALYS FERNANDES FRANCA

Rio Ipixuna, “praticamente a identidade da cidade”: diálogos entre História e patrimônio ambiental

ANANINDEUA

2023

TALYS FERNANDES FRANCA

Rio Ipixuna, “praticamente a identidade da cidade”: diálogos entre História e patrimônio ambiental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciatura em História pela Universidade
Federal do Pará, Campus de Ananindeua.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

ANANINDEUA

2023

TALYS FERNANDES FRANCA

Rio Ipixuna, “praticamente a identidade da cidade”: diálogos entre História e patrimônio ambiental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciatura em História pela Universidade
Federal do Pará, Campus de Ananindeua.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

AGRADECIMENTOS

Toda minha gratidão desde meu respirar até cada conquista alcançada até aqui, ao meu Deus que me manteve de pé sempre, foi o meu socorro e alicerce nos momentos difíceis e me mostrou todos os dias motivos para agradecer. Agradeço por ter uma família que me mostrou que a educação sempre será a melhor escolha e incentivou cada passo da minha trajetória escolar. Sou grata especialmente a minha mãe Maria José que me guiou nos melhores caminhos até seu último dia de vida, sua força é o que me inspira a nunca desistir e é por ela e pelo meu pai Carlos Alberto que cheguei até aqui, como também por meus avós e minha tia e madrinha Gracilene que nunca soltou minha mão e honrou o pedido de mamãe para cuidar de mim, chegarei ainda mais longe para orgulhá-los.

Sei do meu esforço, dedicação e abdições ao decidir morar fora para buscar uma profissão e um futuro melhor para mim e para os meus; mas também sei que sozinha não conseguiria. Agradeço a Deus pelos anjos que colocou sobre o meu caminho, desde a minha família, até os meus amigos de verdade, especialmente ao meu grupo da faculdade que estiveram comigo em todos os momentos e deixaram essa trajetória mais leve de ser enfrentada, às minhas amigas, Camila Emanuelle que me integrou a sua família de uma forma tão genuína, Maria Vitória e Julia Brenda pela amizade, intrigas e risadas, cada momento foi especial e por último porém mais importante, a minha amiga de casa Beatriz Lima que sonha junto comigo e me aguentou durante toda essa trajetória, me apoiando, rindo e chorando; sem elas eu não conseguiria levantar a cada queda que tive, muitas vezes sem nem mesmo ninguém saber, amo cada uma e estarão para sempre no meu coração.

Agradeço também ao meu orientador Wesley Kettle por primeiramente ser um professor admirável e exemplo para mim de como ensinar. Por fazer eu me apaixonar por patrimônio e natureza, a ponto de ter escolhido a temática para este trabalho. Agradeço pela atenção e disponibilidade em me guiar neste último passo da graduação. Espero um dia ser uma profissional que desempenhe tão bem minha função a ponto de outras pessoas se espelharem em mim, assim como o senhor. Por fim, sou grata por cada degrau que subi, mesmo que as vezes voltasse para o degrau anterior, cada passo foi importante para meu amadurecimento.

- Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam.

Futuro Ancestral, Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho busca fazer um diálogo entre História ambiental, patrimônio e História local. Para isto, irá evidenciar através de análises bibliográficas, questionários com alunos do 9º ano e entrevistas com moradores antigos de Ipixuna do Pará; as diversas concepções com relação a patrimônio, ao rio Ipixuna e como se dá as aulas de História do município no que diz respeito a estes aspectos. O texto buscará explanar a importância de se entender as diferentes visões patrimoniais e com relação ao rio Ipixuna, apontando como possibilidade a abordagem deste rio como patrimônio ambiental do município de Ipixuna do Pará, demonstrando assim, as problemáticas geradas pelo não reconhecimento da importância do rio Ipixuna para a História do município e conseqüentemente a falta de cobrança por sua preservação. E para além disso mostrará os benefícios de trazer a realidade do alunado para as aulas, por meio da História local, a partir do foco no rio Ipixuna como agente histórico.

Palavras-chave: rio Ipixuna; História ambiental; Patrimônio ambiental

ABSTRACT

The present work seeks to establish a dialogue between environmental history, heritage and local history. For this, it will show through bibliographical analysis, questionnaires with 9th grade students and interviews with old residents of Ipixuna do Pará; the different conceptions regarding heritage, the Ipixuna river and how history classes are given in the municipality with regard to these aspects. The text will seek to explain the importance of understanding the different heritage views and in relation to the Ipixuna river, pointing out as a possibility the approach of this river as an environmental heritage of the municipality of Ipixuna do Pará; thus demonstrating the problems generated by the non-recognition of the importance of the Ipixuna river for the history of the municipality and consequently the lack of collection for its preservation. And in addition, it will show the benefits of bringing the reality of the students to the classes, through local history, from the focus on the Ipixuna river as a historical agent.

Keywords: Ipixuna River; Environmental history; environmental heritage

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1: Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, década de 70.

FIGURA 2: Mapa do Rio Ipixuna em perímetro urbano

FIGURA 3: Mapa do Rio Ipixuna em perímetro rural

FIGURA 4: Alunos observando o rio na “Semana do Meio Ambiente”

FIGURA 5: Rio Ipixuna no centro da cidade- “beira do Rio”

FIGURA 6: Outro lado do Rio Ipixuna no centro da cidade- “prainha”

FIGURA 7: Rio Ipixuna na Gleba 11

GRÁFICOS

Gráfico 1: Respostas da Pergunta nº1- O que você entende por patrimônio?

Gráfico 2: Respostas da Pergunta nº2- Marque duas alternativas que você julga se associar ao conceito de patrimônio

Gráfico 3: Respostas da Pergunta nº3- De acordo com suas vivências, explique o que o Rio Ipixuna é para você!

Gráfico 4: Respostas da pergunta nº4- Você sabe qual a importância histórica do Rio Ipixuna?

Gráfico 5: Respostas da pergunta nº5- Com que frequência o Rio Ipixuna é abordado nas aulas de história?

Gráfico 6: Respostas da pergunta nº6- Em que momento em sua escola, você ouviu falar no Rio Ipixuna? Obs: podendo ser nas aulas de história ou de outras disciplinas.

Gráfico 7: Respostas da pergunta nº1- O que você entende por patrimônio?

Gráfico 8: Respostas da Pergunta nº2- Marque duas alternativas que você julga se associar ao conceito de patrimônio

Gráfico 9: Respostas da Pergunta nº3- De acordo com suas vivências, explique o que o Rio Ipixuna é para você!

Gráfico 10: Respostas da pergunta nº4- Você sabe qual a importância histórica do Rio Ipixuna?

Gráfico 11: Respostas da pergunta nº5- Com que frequência o Rio Ipixuna é abordado nas aulas de história?

Gráfico 12: Respostas da pergunta nº6- Em que momento em sua escola, você ouviu falar no Rio Ipixuna? Obs: podendo ser nas aulas de história ou de outras disciplinas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. PRIMEIRO CAPÍTULO: A CONSTRUÇÃO DE IPIXUNA DO PARÁ: O RIO PASSA POR ESSA HISTÓRIA	6
2.1. Formação de Ipixuna do Pará: contextos e especificidades	6
2.2. O Rio Ipixuna	12
2.3. Os rios na História: desconstruindo a ideia de rios inertes.....	19
2.4. Patrimônio Ambiental: dos conceitos à realidade	23
3. QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS: DIVERSAS VISÕES SOBRE O RIO IPIXUNA E OS CONCEITOS DE PATRIMÔNIO	25
3.1. Analisando os questionários: percepções dos discentes em foco.....	25
3.2. Olhar dos antigos: entre concepções e vivências refletidas nas entrevistas	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
6. ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

Os seres humanos e o meio ambiente assumiriam diferentes relações ao longo do tempo. Ao pensar na realidade da Amazônia, geralmente se pressupõe uma maior proximidade entre os seres humanos e o mundo natural. Todavia, mesmo estando inseridos no contexto amazônico, ao observar a prática docente dos historiadores é perceptível dificuldades enfrentadas pelos mesmos em tratar de questões ambientais em suas aulas. Isto foi observado neste trabalho, ao serem analisadas as abordagens do rio Ipixuna no ensino de história de duas escolas em Ipixuna do Pará, notou-se a sua pouca e ineficaz abordagem. Assim, sabendo dos impasses pressupostos pelos professores de História no que diz respeito a darem ênfase a História ambiental, o trabalho buscou apontar como possibilidade tratar o rio Ipixuna como patrimônio ambiental do município, tomando como base as percepções de Sandra Pelegrini (2006) que indica o patrimônio ambiental como explanador das relações sociais dos seres humanos com o meio, o uso comum desse meio e a necessidade de cuidado coletivo do mesmo, frisando também a capacidade de se reconhecer a identidade de um local através do patrimônio ambiental.

Assim, busca-se mostrar que ao observar o rio Ipixuna e o contexto de suas margens, faz-se descortinar um passado coletivo mais abrangente, pois segundo Wesley Kettle (2017) a inclusão dos debates relacionados ao meio ambiente no ensino de História, é uma prática capaz de explicar a História de personagens que muitas vezes são silenciados. Nessa perspectiva, Hobsbawm (1998) indica que todos necessitam de um passado e que esse passado pode ser observado através dos diversos tipos de patrimônios. Dessa forma, destaca-se a relevância de pesquisar as formas como o rio Ipixuna é visto e explicado e apontando a possibilidade de o tratar como patrimônio ambiental do município, para que haja essa relação de reconhecimento da população para com ele.

É válido frisar que a presente autora desta pesquisa, é residente desde sua nascença no município analisado nesse estudo, Ipixuna do Pará, totalizando assim 21 anos de memórias vividas no local, sendo este o motivo da escolha do tema, pois a vontade de falar sobre seu lugar e realizar algum estudo que trouxesse alguma melhoria à mesma era um anseio desta pesquisadora. Assim, com o decorrer de sua formação e o interesse despertado por disciplinas relacionadas a História ambiental e patrimônio, a vontade de falar de Ipixuna do Pará, foi unida à inquietação proposta pelo dilema em entender de que forma o rio Ipixuna que dá nome à cidade, era visto e entendido por sua população e para além disso, de que forma o mesmo era abordado nas aulas de História. Mesmo que, por experiência própria em uma das escolas

analisadas, já era sabido a escassez de abordagens ambientais e conseqüentemente do rio Ipixuna como patrimônio ambiental. Pois o que é difundido na educação básica do município é a História chamada positivista, tradicional e conteudista.

Para entender a importância desse estudo, é necessário perceber a relevância de uma História não mais restrita apenas ao destaque de datas, feitos importantes e “grandes homens”, Donald Worster, pontua isto: “Antigamente a disciplina da história tinha uma tarefa no cômputo geral mais fácil. Todo o mundo sabia que o único assunto importante era a política e que o único campo digno de interesse era o Estado nacional (WORSTER, 1991, p. 198), sabe-se os avanços que o ensino de História obteve nesses aspectos, porém que ainda há muito a se fazer para que se dissemine uma História que no seu ensino dialogue com todos sujeitos e áreas do conhecimento para trazer mais abrangência às suas análises.

E é com esse objetivo que se evidencia a necessidade de aproximação do ensino de História com debates ambientais, seguindo a lógica de uma História que abranja as necessidades de debates suscitados nas realidades que estamos inseridos. Nesse viés pontua Ely Carvalho: “Com a crise ambiental que emerge na segunda metade do século XX, há um questionamento da modernidade e da civilização ocidental/globalizada. De tal questionamento surgem a história ambiental e a educação ambiental” (CARVALHO, 2012, p. 111). A inclusão da relação História e natureza no ensino de História deve ser feita pois é antiquada e prejudicial a visão dos seres humanos separados da natureza, sendo esse pensamento, fator que dificulta ainda mais a educação ambiental. Estabelecendo assim mais relevância ainda ao papel do historiador, em mostrar que os seres humanos não são dominantes perante a natureza e que para atenuar as problemáticas ambientais, o primeiro passo é se perceber como parte da natureza.

Para mais, é crucial apontar a compreensão dessa interação sociedade-natureza e suas dinâmicas e percepções como fundamento da História Ambiental, assim frisa Donald Worster: “Agora chega um novo grupo de reformadores, os historiadores ambientais, que insistem em dizer que temos de ir ainda mais fundo, até encontrarmos a própria terra, entendida como um agente e uma presença na história (Worster, 1991, p. 198-199). É perceptível que Worster mostra que já não bastava os avanços obtidos com a chamada “Nova história” desde a escola dos Annales, era preciso mais, como pontua o mesmo trazendo o protagonismo a terra, ou seja apontando a natureza como agente histórico. Todavia, esta aos olhos do tempo de historiadores, nova área da História necessita de instrumentos para ser entendida, dessa forma destaca-se nessa

pesquisa a ênfase na importância das memórias individuais e coletivas como forma de entender os processos históricos e explicar a agência da Natureza nesses processos.

Jacques Le Goff se revela peça importante para discutir a relação de memória da população para com o rio Ipixuna; através de sua obra “História e Memória” (1991) o mesmo enfatiza a importância da memória coletiva, mas como ela pode ser manipulada e servir de instrumento para se perceber relações de poder. Exemplo dessa manipulação de memórias, é quando se exaltam em grande parte das vezes monumentos de pedra e cal como patrimônio em destaque e de forma contrária a isso elementos como os rios que são de suma importância para a construção das sociedades desde os primórdios e carregam consigo memórias e História, são silenciados. Diante das observações feitas por Le Goff é possível se pensar que a falta de relação de patrimônio ambiental da população ipixunense para com os rios se deve muito por conta dessa manipulação da memória coletiva e conseqüentemente do pouco espaço dado pelos professores acerca das abordagens patrimoniais.

Outrossim, quando se pensa no conceito de memória e suas relações com a identidade, o texto de Michael Pollak “Memória e identidade social” (1992) é relevante, pois desenvolve sua análise explanando que ao abordar as memórias individuais ou coletivas das pessoas, é provocado uma relação de identidade com o passado, pois a memória é uma construção social. Nessa lógica, Sara Cura, Luiz Pacheco e Willian Viana (2017) em seu texto “Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento”, destacam o sentimento de pertencimento como sendo ligado ao ato de reconhecer-se como parte integrante do corpo social que vivem, por meio de alguma especificidade social, seja cultural, moral ou étnica por exemplo. A relação de memórias e identidade estão inteiramente associados a este sentimento; sendo importante sublinhar que esta pesquisa busca evidenciar que ao abordar a História local e conseqüentemente encorajar o sentimento identitário dos alunos, os mesmos irão de maneira mais satisfatória se identificar, preservar e valorizar o seu lugar.

O método escolhido para a realização desta pesquisa foi a História local, desempenhada através de questionários e entrevistas, com o objetivo de fazer essa relação de História local com História Oral que faz surgir tantas possibilidades e riqueza de abordagens (FONSECA, 2006). Todavia, é importante que se entenda a não marginalização das fontes orais, perante os documentos oficiais mais disseminados, pois o trabalho não será menos importante por se utilizar de fontes orais como principal instrumento. Alberti (2004) destaca as entrevistas orais como uma das fontes dos historiadores, mas que como qualquer outra fonte deve passar pela

reflexão e rigor de análise, mostrando assim a discrepância no ato de inferiorizar as fontes orais, haja vista que as mesmas passarão por uma análise crítica e embasada em conhecimentos científicos assim como qualquer outra fonte analisada por um historiador.

Desse modo, mesmo que haja diversos autores que destacam a importância da explanação da História local e oral, o que é evidenciado são diversas dificuldades enfrentadas pelos docentes para realizar essas abordagens. Dificuldades como, a fragmentação do conteúdo indicado pelo currículo, restringindo as aulas de História a assuntos pré-definidos quase que sempre ligados a documentos administrativos e políticos que não estão ligados de forma próxima ao alunado. Além da generalização do estudo das sociedades como algo homogêneo, sem a atenção para as especificidades de cada indivíduo, dificultando assim o entendimento do aluno como um ser social com todas as suas particularidades que contribuem para a construção destas sociedades.

E quando se pensa na explanação dos rios nas aulas de história, os impasses são ainda maiores, pois Circe Bittencourt (2003) lista algumas dificuldades dos professores de História a este respeito, como a falta de estudos de historiadores brasileiros falando sobre História e meio ambiente, além dos próprios historiadores pensarem que essa área é exclusiva de ciências como Geografia e Biologia. Para mais, Wendell Cordovil (2021) destaca que há a presença da educação ambiental nos PCNs e o destaque à História como companheira de outras disciplinas nessa questão, mesmo assim ao se deparar com a realidade do país o que se nota é uma constante distância da História com relação a debates ambientais. Cordovil (2021) também explana na análise de suas entrevistas com professores de História, como estes docentes ao abordarem o meio ambiente em suas aulas, não vinculam a História local às suas falas, apenas a eventos históricos distantes da realidade do alunado.

A partir disso, deve ser frisado que a escola deve ir para além da sala de aula, refletindo as vivências e memórias do alunado, cujo chegam no âmbito escolar não como uma tábua vazia mas sim com conhecimentos prévios que precisam ser valorizados. Nesse ínterim, a autora Selva Guimarães (2009) discute em seu texto denominado “O estudo da História local e a construção de Identidades” a respeito dos reflexos da globalização que se vivem hoje e a falta da construção de identidades devido a não transmissão da história local, cujo faz com que seja priorizado a História nacional de uma determinada região.

Com esse pressuposto, destaca-se a importância de explicar o conceito de patrimônio, trazendo à tona a possibilidade dos alunos se reconhecerem através de patrimônios de sua própria cidade e promoverem uma relação identitária com sua região. Pois, de forma geral, a desprovida valorização do Patrimônio ambiental, faz-se pelo não conhecimento que grande parte da população possui do tema em decorrência de não ser tratado nas escolas. Dentro dessa lógica, a historiadora Sandra Pelegrini (2006) destaca que quando o indivíduo se reconhece como cidadão importante da sociedade em que está inserido, ao se ver e enxergar sua realidade sendo refletida nas aulas, ele tende a se propor a valorizar sua identidade e preservar os patrimônios de seu local de origem.

Assim, a pesquisa propõe fazer-se entender a necessidade dos professores de História de Ipixuna do Pará promoverem uma relação de ensino-aprendizagem que abranja a vivência local dos discentes através da abordagem do rio Ipixuna como agente histórico da construção social e cultural da cidade, pois para além de agregar ao conhecimento dos alunos faz com que haja um maior interesse por estar próxima da realidade dos mesmos, trazendo melhores resultados na aprendizagem. Sendo que, para alcançar esses anseios as entrevistas e questionários realizados se mostram importante elemento para demonstrar as diversas faces do rio Ipixuna, como o mesmo é visto da Zona Rural a Urbana, de que forma o mesmo é tratado e valorizado ou não nos diferentes lugares que ele passa,

A partir disso, o texto desempenhado aqui, será dividido da seguinte forma; primeiramente com o intuito de contextualizar o ambiente em que o rio Ipixuna está inserido e conseqüentemente a realidade dos habitantes de Ipixuna do Pará; no primeiro tópico será destrinchado traços da história do município, apontando os personagens por trás dessa história. Após isso, nos debruçaremos sobre o tópico dedicado a falar especialmente sobre o rio Ipixuna, apesar que o rio vai estar presente durante todo o texto. Em seguida, teremos um apanhado das diversas representações e usos dos rios ao longo da história, apontando as características que se assemelham ao contexto do rio Ipixuna; e o primeiro capítulo findará trazendo como o conceito de patrimônio foi se modificando ao longo do tempo, a diversidade de suas concepções e a posterior conceitualização de patrimônio natural e ambiental, demonstrando a partir disso a possível abordagem do rio Ipixuna como patrimônio ambiental.

Por outro lado, o segundo capítulo será fundamentado na análise das fontes coletadas, sendo elas os questionários e as entrevistas, apontando através de gráficos de respostas dos questionários e de trechos das entrevistas, as diversas interpretações com relação a patrimônio,

o rio Ipixuna e como o ensino de História insere esses debates nas aulas. No mais, através das vivências dos habitantes do município será percebido também esses pontos de uma forma mais próxima tendo em vista a abordagem do cotidiano de alguns ipixunenses, destacando a diversidade de suas percepções de alguns elementos como o próprio patrimônio e com o decorrer de seus relatos o papel do rio Ipixuna na sua história, pondo-o como ponto crucial de suas vivências.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO – A CONSTRUÇÃO DE IPIXUNA DO PARÁ: O RIO PASSA POR ESSA HISTÓRIA.

2.1. Formação de Ipixuna do Pará: contextos e especificidades.

O final do século XIX marca a intensificação da industrialização no Brasil, principalmente a partir do mandato de Getúlio Vargas, que estabelece como um dos alicerces de seu governo o foco no âmbito urbano-industrial do país. Aiala Couto (2023) pontua que nesse viés, se desencadeia uma industrialização fundamentada nas indústrias de base e fortalecimento do mercado nacional, o que vai culminar como sendo um dos elementos do desenvolvimento do nacionalismo, marca do governo de Vargas e que o ajudará na manutenção de seu poder. Cabe frisar que a crise de 1929 foi um pontapé para a industrialização brasileira, haja vista que a crise prejudicou a exportação do principal produto do Brasil naquele momento, o café, obrigando assim a busca de novas fontes para restabelecer a economia.

Dando continuidade a esse processo, temos o governo de Juscelino Kubitschek, com a famosa frase de seu projeto desenvolvimentista “50 anos em 5”. Assim, nessa mesma perspectiva de industrialização e urbanização, Kubitschek promove estratégias para o desenvolvimento da integração do Brasil, usando como um dos meios para isto as rodovias. Nesse sentido, através da criação da capital nacional Brasília em conjunto com o processo de integração, tem-se a construção da Rodovia BR-010 a Belém-Brasília, ação essa realizada com a intenção de acabar com o “isolamento” atribuído a Amazônia, com a justificativa de integrar a Amazônia ao Brasil de forma plena para que outros países não se apropriassem desse território, além da intenção de levar a “civilização” ao território amazônico e aos seus habitantes. Nada mais que meros pretextos para a exploração desmedida da Amazônia. Pois segundo Aiala Couto (2013), a partir do projeto de integração nacional, uma quantidade

demasiada de investimentos fora direcionados a Amazônia, com o propósito de explorarem seus recursos naturais.

A Amazônia que era vista como um lugar obscuro e sem civilização, passa a ser pensada a partir de um montante de interesses da elite e tem sua exploração facilitada através da Rodovia Belém-Brasília. É importante observar como os ambientes amazônicos e os indivíduos que os habitavam foram marginalizados e segregados nesse processo de “Modernização” do Brasil, culturas e memórias foram desconsiderados com a preposição de um modelo econômico e comportamental, onde florestas são empecilhos para construções das estradas e o desmatamento passa ser uma realidade constante. Afinal “Esses novos atores tratam a terra como valor de mercado e a exploração dos recursos naturais obedecem à lógica do sistema capitalista e isso causa grande degradação ao meio ambiente” (COUTO, 2013, p. 44).

Segundo Aiala Couto (2013) a estratégia havia sido traçada, tomando como base a evasão de pessoas que estava acontecendo nas outras regiões do país, devido a modernização do campo, conflitos fundiários e conseqüentemente a disseminação do desemprego; com a construção da BR-010 essas pessoas em grande medida migraram para o Norte. Fato esse que foi beneficiário à camada elitista que residia nas outras regiões do Brasil, tendo em vista a diminuição dos conflitos agrários e a mão de obra que os mesmos sabiam que podiam recorrer no Norte e Nordeste, destacando assim como esse processo de industrialização e modernização defendeu interesses claros, cujo as camadas mais pobres eram excluídas.

Em contrapartida a este momento de valorização exacerbada das rodovias, localidades cortadas por rios como grande parte da Amazônia, fazem das águas seus caminhos. Como foi o caso de Ipixuna do Pará, cidade que fomenta essa pesquisa onde obteve grande parte de habitantes através da migração feita pelo rio Ipixuna, cujo é objeto desse estudo. Para entender a importância dos rios, Gabriel Garnero (2022) se mostra um importante teórico em “El estudio histórico de rios: una propuesta teórica-metodológica” o autor coloca os rios como centro de seus debates, destacando a importância de desconstruir a ideia de “rio inerte”. Garnero (2022), frisa os rios como elemento central da construção de diversos centros urbanos e utiliza para explicar essas questões, destacando a não homogeneidade dos rios e conseqüentemente as suas especificidades, desde os elementos que o compõem, o espaço percorrido por eles e as mudanças que eles causam e sofrem.

Para entendermos as dinâmicas que perpassam a relação do rio Ipixuna com a construção do que hoje é a cidade de Ipixuna do Pará, é necessário nos debruçarmos sobre sua história, uma cidade tão nova, apenas 32 anos de emancipação. A priori, quando se pensa em Ipixuna do Pará, o que grande parte das pessoas não residentes da cidade sabe da mesma, advém das notícias nos jornais virtuais e televisivos, cujo explanam as enchentes que ocorrem em todo começo de ano na cidade: “Forte chuva alaga casas e deixa 650 famílias desabrigadas em Ipixuna do Pará” (G1 PARÁ, 2021), ou talvez já devem ter ouvido falar que a cidade possui um polo da Imerys Rio Capim, empresa de extração de Caulim. Uma cidade que é cortada pela BR 010, é vista por muitos como apenas um trajeto que se passa para chegar a lugares como Paragominas ou Mãe do Rio. Com mais de 200 km de distância de Belém, capital do estado do Pará, totalizando em torno de 4 a 5 horas de viagem; Ipixuna do Pará não é lugar muito procurado por turistas, haja vista que não possui muitos atrativos, além do próprio rio Ipixuna estudado aqui nesta pesquisa, onde são realizadas festas aos fins de semana e eventos esporádicos, como também aniversário da cidade e carnaval.

Ipixuna do Pará está localizada na região Norte do Brasil, na chamada mesorregião do Nordeste Paraense. De acordo com um ofício encaminhado da prefeitura para o IBGE, os relatos mais antigos sabíveis da história de Ipixuna do Pará datam de próximo à década de 60, mais precisamente no ano de 1958, quando chegou no que até então era território do município de São Domingos do Capim, o senhor Leonardo Manoel do Carmo, juntamente com sua família que compunham 13 pessoas, que segundo Marcos Almeida (2019) Leonardo Carmo veio da comunidade do Retém localizada na margem do Rio Capim. Naquele momento, em meados das décadas de 50 e 60 havia uma constante tentativa de incentivo a migração para localidades que integrassem a Amazônia, além de um grande interesse despertado por lugares até então supostamente não habitados. Assim, segundo Marcos Almeida (2019), é apontado como um dos motivos para a chegada de Leonardo Manoel do Carmo a intenção de explorar e fazer morada nestas terras que segundo rumores seriam prósperas devido a posterior abertura da estrada.

Vale lembrar que a Rodovia Belém-Brasília foi construída somente em 1960, e com isso Leonardo do Carmo chegou ao Km 108, que posteriormente seria Ipixuna do Pará, com sua canoa percorrendo o rio Ipixuna. Após sua chegada, a notícia se espalhou e segundo relatório da prefeitura enviado ao IBGE posteriormente a ele vieram Irineu Farias (anos depois teria seu nome dado a uma escola da cidade), Antonio Sipriano e Manoel Henrique. Aos poucos a agora

“Vila de Ipixuna” ia se formando, em 1960 surgiu a primeira casa de comércio que tinha como dono Vicente Fortunato e após ele Raimundo Maracanã abriu outro estabelecimento às margens do rio Ipixuna e pouco tempo depois surge o primeiro posto de gasolina.

É notório que no decorrer da História das localidades um dos primeiros passos do desenvolvimento de comunidades é a construção de uma igreja, haja vista a influência do cristianismo no Brasil desde a colonização. Com isso, em Ipixuna do Pará não foi diferente, sendo também uma das primeiras construções do até então km 108, a primeira igreja católica; segundo relatório presente no site da prefeitura de Ipixuna do Pará, a mesma buscava atender ao anseio espiritual de alguns dos primeiros habitantes da vila que se identificavam como católicos, sendo importante frisar que já haviam também a realização de cultos de protestantes, porém eram realizados nas próprias residências dos indivíduos e sem uma quantidade significativa de fiés.

É válido ressaltar que foram os próprios moradores que construíram a igreja católica, pois viram a necessidade de se ter um lugar para realizar suas atividades religiosas, haja vista o grande número de católicos que habitavam a vila e que até então faziam as missas nas ruas devido a falta de um lugar físico. Um fato curioso, é que a torre da igreja possuía um formato que segundo o senso comum da região significava o dedo de Deus, cujo estava os protegendo e abençoando. Podemos perceber na imagem abaixo (FIGURA 1), a localização da igreja a beira da estrada de chão, o solo como se tivesse sido capinado e não muitas casas perceptíveis ao seu redor; vemos também árvores no fundo, que podem nos fazer pensar que existiam mais delas no local mas que possivelmente possam ter sido derrubadas para a construção da igreja.

FIGURA 1: Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, década de 70.



Fonte: Prefeitura Municipal de Ipixuna do Pará. Acervo: Secretaria de Cultura de Ipixuna do Pará.

Assim, com o passar dos anos e a intensificação do processo de integração da Amazônia, segundo Marcos Almeida (2019), a Vila de Ipixuna viu pessoas chegando dos mais diversos lugares do estado do Pará, como também do Nordeste do país, na sua maioria cearenses. Traços culturais esses que são percebidos até os dias atuais na formação cultural da população ipixunense. Todavia, quanto maior a quantidade de migrantes, maior a necessidade de terras para aos mesmos, o que posteriormente iria desencadear diversos conflitos. Dessa maneira, ALMEIDA (2019) frisa que grande parte dos migrantes tinham a prática da pequena agricultura como seu alicerce e com a dificuldade de se obterem terras adequadas para sua prática, os mesmos executavam suas roças em quintais ou territórios públicos.

Tomando como base a situação territorial da região, onde em grande medida eram cercadas por fazendas, este fato acabou se tornando um meio de solucionar a lacuna dos moradores da Vila de Ipixuna e demais vilas da região que não possuíam terras satisfatórias para o desenvolvimento de sua agricultura. Com esse pressuposto, a ocupação de parte dessas fazendas se torna realidade, com a justificativa das mesmas não estarem sendo produtivas (ALMEIDA, 2019). Segundo Marcos Almeida (2019) eram realizadas reuniões mensais com a liderança de João Baiano, cujo desempenhou trabalho em várias fazendas da região e foi escolhido como líder pelos demais ocupantes. Estes encontros eram feitos com o intuito de organizar as informações coletadas dos lugares a serem ocupados e os detalhes de como iam proceder as ocupações. Com o decorrer do tempo, foi grande o acúmulo de pessoas buscando fazer parte das ocupações, para se ter o mínimo para sua sobrevivência: “No ano de 1981, ainda estava em processo de chegada de colonos na ocupação. Os agricultores separaram um lote e, em uma parte dele, realizaram uma roça coletiva.” (ALMEIDA, 2019, p. 29).

É perceptível como as ações eram bem planejadas e de forma estratégica, tendo em vista que ao mesmo tempo que esta roça coletiva iria beneficiar os agricultores já existentes ali, como também os recém-chegados, iria também facilitar a organização e vigilância contra ataques de fazendeiros (ALMEIDA, 2019). Esta organização se deu de forma ainda melhor, graças ao apoio da Igreja Católica: “(...) a ala progressista da Igreja Católica abraçou a causa dos colonos que era: a luta pela terra, a busca por um lugar para suas famílias se estabelecerem, produzirem seu sustento e viverem em comunidade (...)” (ALMEIDA, 2019, p. 38). Um importante instrumento que auxiliou também na causa dos que buscavam uma terra através das ocupações, foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Capim, que possuía sua sede na

Vila de Ipixuna: “O sindicato ajudava a organizar a distribuição dos lotes, a orientar os procedimentos dentro da ocupação, intermediar o diálogo entre ocupantes e os advogados, bem como organizar a coleta para despesa com os serviços jurídicos”. (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Assim, observa-se como as os colonos juntamente com a luta por terras, a igreja e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais foram atores extremamente importantes na construção de Ipixuna do Pará e para além disso o fator de mais crucialidade: o rio Ipixuna como meio pelo qual se iniciou essa História. Deste modo, a emancipação de Ipixuna do Pará só se tornou possível, graças a contribuição e grandes movimentações de: “(...) educadores, sindicalistas rurais, religiosos da Assembleia de Deus e da Igreja Católica e políticos de esquerda, quase sempre (...)” (ALMEIDA, 2019, p. 17).

Outros fatores contribuíram para a que a antiga Vila de Ipixuna se emancipasse, como o fato de elegerem dois vereadores (Antônio Araújo de Lima e Ireldo Alves da Silva) para os representar e fazerem frente na Câmara de São Domingos do Capim com o pedido de emancipação, além da pouca resistência à mesma. No mais, foi perceptível até aqui como Ipixuna do Pará já era protagonista de processos históricos importantes e dinâmicas que faziam sua emancipação ser concretizada apenas em questão de tempo. Por conseguinte, através das mobilizações feitas e de acordos políticos realizados, foi aprovada então a emancipação do que agora seria o município de Ipixuna no Pará, isto de acordo com a lei 5.690 do dia 13 de dezembro de 1991.

Concomitantemente à emancipação, em 1992 ocorreram as primeiras eleições, com a vitória do já mencionado Antônio Araújo de Lima, importante líder sindical e que foi crucial nas conquistas do povo ipixunense, juntamente com seu vice Orlandir Alves. Vale lembrar que “A vitória do grupo político liderado por Antônio Araújo de Lima foi Grandiosa. Das nove vagas da Câmara Municipal, sete foram preenchidas por vereadores de sua base” (ALMEIDA, 2019, p. 102). Atualmente, segundo dados do IBGE com última atualização em 2021, Ipixuna do Pará conta com uma área territorial de 5.215,555 km², com um total de habitantes em torno de 67.170. É importante mencionar que grande parte da população ipixunense reside na zona rural do município.

Segundo Marcos Almeida (2019) Ipixuna do Pará possui cerca de 100 comunidades rurais, sendo assentamentos, comunidades ribeirinhas e ocupações. Sendo assim, é importante perceber que mesmo com a urbanização pela qual o município de Ipixuna do Pará passou, é

fulcral o observar a partir da lógica ribeirinha, tendo em vista que sua História foi construída a partir das margens do rio Ipixuna, o rio está presente no meio da cidade e próximo das moradias de diversas pessoas residentes da zona rural do município que integram mais da metade sua população, fazendo necessário dar ênfase a estas realidades que dialogam as vivências da população ipixunense para com o rio Ipixuna.

2.2 O Rio Ipixuna

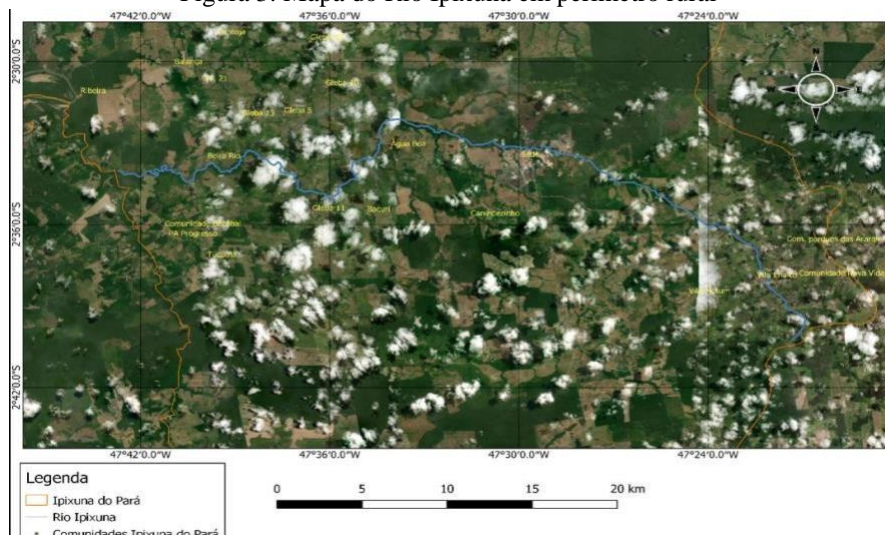
Centro dessa pesquisa, o rio Ipixuna está localizado na cidade já mencionada Ipixuna do Pará. Como é perceptível, a denominação do rio é utilizada como também o nome da cidade. A origem de seu nome advém de língua indígena tupi-guarani que significa rio de água preta ou escura. Com base no banco de dados disponibilizado pela Secretária Municipal de Meio Ambiente (SEMMA, 2023), o rio Ipixuna está inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Capim e é um rio que aflora e desagua dentro dos parâmetros desse local. No mais, dispõe de 62,29 km de extensão da nascente a foz e possui 93 tributários. “A vegetação predominante são as florestas de várzea baixa com solo argiloso, possui uma precipitação pluviométrica média anual de 1750 a 2500 mm” (SANTOS, XAVIER, CORREA, JÚNIOR, 2021, p. 4). Vale lembrar que o rio Ipixuna percorre tanto a zona urbana como também rural da cidade, influenciando assim na vivência de diversos indivíduos ipixunenses. Abaixo segue 2 mapas (FIGURA 2 E FIGURA 3), que sequencialmente mostram o perímetro urbano e rural percorrido pelo rio Ipixuna, apontando as ruas e comunidades por onde o rio passa.

Figura 2: Mapa do Rio Ipixuna em perímetro urbano



Fonte: SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente), 2023.

Figura 3: Mapa do Rio Ipixuna em perímetro rural



Fonte: SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente), 2023.

Outrossim, ao analisar a Figura 4 se notam vários alunos ao redor do rio Ipixuna observando-o, esta foto foi tirada em um evento que fez parte da “Semana do Meio Ambiente”, o evento contou com várias ações durante a semana, desde a coleta de lixo do rio, construção e aplicação de placas com frases nos arredores dele e a tradicional caminhada com os alunos pela cidade, onde eles seguravam placas pedindo mais cuidado ao rio e apontando sua importância. Este evento ocorre todos os anos na cidade de Ipixuna do Pará e evidencia um dos argumentos deste trabalho, cujo é o fato de, os olhos só se voltarem para o rio Ipixuna de forma esporádica e em específico na programação do “Dia do Meio Ambiente”, ignorando-o todos os outros dias do ano, mostrando como a escola e a governança do município desconsidera que o aprendizado e a conscientização com relação a questões ambientais é algo que é construído e não algo que se obtém resultados consideráveis com apenas uma abordagem ao ano.

Por conseguinte, na Figura 5, a imagem se refere a “Beira do Rio”, denominação dada pelos moradores aos arredores da parte urbana do rio Ipixuna, mais precisamente no centro da cidade. É perceptível na imagem o corrimão branco que dá acesso a ponte sobre o rio, por onde se chega ao Balneário da Arlene presente também na imagem em meio às árvores presentes ali; é válido ressaltar que o balneário, assim como as residências próximas a este local, alagam todos os anos durante as enchentes, afetando assim diversas pessoas, mas que, entretanto não desistem de morar e trabalhar nas proximidades do rio, seja por necessidade, seja por ligação

afetiva com o local. Já na Figura 6 observamos a outra parte do rio Ipixuna também localizada no centro da cidade que se denomina “prainha”.

Podemos ver uma placa de madeira indicando “Bem-vindos a prainha”, muita vegetação ao seu redor e algumas tendas para os visitantes se protegerem do sol; está área foi inaugurada recentemente após uma revitalização desta parte do rio para atender os habitantes da cidade e turistas, como também a elaboração de eventos e afins. Em vista disso, podemos perceber mais uma vez como a revitalização do rio e um suposto maior cuidado com o mesmo, só se configurou pensando no potencial turístico deste local, se revelando-se a importância de se explicar a importância histórica do rio Ipixuna com o objetivo de incentivar uma preservação contínua do mesmo.

Já na Figura 7 temos a imagem do rio Ipixuna em um trecho da zona rural da cidade, na comunidade denominada pela prefeitura de gleba 11. É perceptível também as árvores ao seu redor, sendo válido pontuar que esta parte que o rio percorre fica localizada no quintal de uma família moradora da comunidade. É relevante refletirmos como as dimensões de um rio perpassam percepções de análises diferentes e como essas singularidades devem ser levadas em consideração. Tendo em vista, que ao mesmo tempo que o rio Ipixuna está inserido em uma realidade geral do município, por percorrer diversos lugares de âmbitos urbanos e rurais, o mesmo também pode ser visto de uma forma simples e singular por quem o tem no quintal de sua casa, como parte de seu cotidiano e de suas memórias diárias, para além de um rio que passa, faz parte da história das pessoas que tem o convívio tão próximo a ele.

FIGURA 4: Alunos observando o rio na “Semana do Meio Ambiente”



Fonte: Prefeitura de Ipixuna do Pará, Instagram, 2023.

FIGURA 5: Rio Ipixuna no centro da cidade- “beira do Rio”



Fonte: arquivo pessoal

FIGURA 6: Outro lado do Rio Ipixuna no centro da cidade- “prainha”



Fonte: arquivo pessoal

FIGURA 7: Rio Ipixuna na Gleba 11



Fonte: arquivo pessoal

Os rios são agentes históricos e isso é perceptível ao longo da história de diversas localidades, sejam como estradas fluviais, marco de fronteiras, como também se revelando importantes para se entender processos históricos, além de descortinar memórias afetivas. Quando se fala de Ipixuna do Pará, se fala do rio Ipixuna mesmo que de forma involuntária, pois como já mencionado aqui, foi por meio dele que segundo as fontes analisadas como o IBGE e a obra de Marcos Almeida (2019), como já mencionado anteriormente vieram habitantes como o senhor Leonardo Carmo que era residente da comunidade Retém localizada na margem do Rio Capim, o mesmo fez seu percurso com o auxílio de canoas para a locomoção, trazendo posteriormente o restante da sua família e para além dele outras inúmeras pessoas percorreram o rio para chegarem a Vila de Ipixuna vindos de lugares como Castanhal, Santa Maria, Irituia, entre outros; atraídos pelos rumores de prosperidade das terras que posteriormente iriam ser atravessadas pela rodovia Belém-Brasília.

A partir do ano de 1958, às margens do rio Ipixuna, foram construídas as primeiras moradias juntamente com as roças dos habitantes, além da primeira casa de comércio (ALMEIDA, 2019); é perceptível como a história de Ipixuna do Pará se entrelaça com o rio Ipixuna e mesmo assim o mesmo não possui a visibilidade que merece, muito menos o cuidado que necessita. Como na maioria dos casos, o meio ambiente só é pensado como relevante se a

partir dele advir algum lucro e esse é um dos fatores que explica por experiência da própria pesquisadora ser evidenciado que o rio Ipixuna só é “visto” em dias de festa nos seus arredores e de certo ponto para o lazer de ipixunenses e turistas, mas que, todavia não se preocupam com as condições do rio, muito menos em o preservar e buscar conhecer sua importância histórica.

É evidente que a urbanização acelerada faz com que haja um crescimento de forma desordenada de determinados locais. Em Ipixuna do Pará foi exatamente assim, com o processo de ocupação da Amazônia e a construção da BR-010 a migração foi muito forte para o que até então era a Vila de Ipixuna; concomitantemente à sua emancipação teve seu crescimento de forma imediatista afim de atender os anseios da demanda de sua população, o que ocasionou diversas problemáticas geradas pela falta de planejamento; como a construção de moradias em áreas que o rio Ipixuna inunda em tempos de fortes chuvas, além da falta de saneamento adequado fazendo com que esgotos domésticos sejam despejados em áreas do rio que são inclusive utilizadas por banhistas segundo Ana Lúcia Gutjahr, Laudyson Araújo, Evandro Matos e Carlos Braga (2014).

Devido à falta de importância dada a problemática e conseqüentemente à falta de monitoramento com relação a poluição do rio Ipixuna, de acordo com Celine Santos, Maria Xavier, Denison Correa e Antônio Júnior “Quanto a balneabilidade, os pontos estudados apresentaram condições impróprias ao banho devido à alta concentração de cianobactérias e água ácida o que gera riscos à saúde pública e a saúde da população usuária do corpo hídrico” (2021, p.18). É evidente a necessidade de que primeiramente os governantes tomem medidas a fim de sanar a lacuna que se faz pelo despejo de esgoto no rio Ipixuna e posteriormente a isso faça haver fiscalizações para que tal fato não se repita, entretanto o que se vê infelizmente é que não há um interesse das autoridades nem de parte significativa da população para tal.

É notório que a falta de saneamento básico é um problema que percorre o Brasil inteiro, contudo é inegável que essa mazela atinge de forma muito mais contundente a população mais vulnerável da sociedade. Assim, a camada mais pobre e em grande medida negra do corpo social sofrem demasiadamente com os efeitos da negligência governamental quando se pensa em saneamento básico; seja por residirem em áreas predispostas a risco ou alagamento por estarem próximos a rios, córregos e afins; como também moradores de localidades que possuem esgotos a céu aberto. As características mencionadas aqui que vão além de discussões relacionadas à área da saúde, se configuram como um problema social e ambiental que tem urgência a ser discutido. Victor de Jesus (2020) traz essa problemática atrelando a ela a denominação de

Racismo Ambiental, termo relativamente recente no Brasil, mas que está se revelando de grande importância a ser trabalhado.

Segundo Victor Jesus quando se pensa nos problemas relacionados ao saneamento: “Merece destaque o caráter racial desse processo, na medida em que alguns grupos estão mais sujeitos do que outros” (JESUS, 2020, p. 6). Assim, podemos perceber que quando há situações de vulnerabilidades ambientais, a população pobre e negra está sujeita a sofrer com maior impacto as consequências; quando há uma chuva forte, a elite não se preocupa se o seu prédio vai inundar e muito menos na possibilidade de perder sua mobília, não se tem medo de haver um deslizamento e empurrar sua casa ladeira a baixo pois quem são empurrados para áreas de risco são os indivíduos mais pobres; quando houver a construção de um viaduto em grande medida não serão os ricos que são obrigados a sair de suas casas para não “atrapalhar o progresso”. Entende-se assim, através desses exemplos e de tantos outros como nossa sociedade é racista também ambientalmente.

Para mais, quando se fala do rio Ipixuna, é impossível não lembrar das cheias que se fazem presentes todos os anos entre os meses de janeiro a março principalmente, período de fortes chuvas na região, mas que também ocorrem em outros períodos dependendo das condições climáticas. Fato esse que ocasiona as recorrentes e já esperadas enchentes em Ipixuna do Pará e que viram notícias em diversos meios de comunicação. Através dessa situação vemos na prática como se dá o Racismo ambiental, quanto às pessoas que moram às margens do rio Ipixuna, tanto em bairros distantes do centro como no próprio centro da cidade próximo a “Beira do rio” sofrem com o alagamento de suas casas, perda de seus móveis e demais pertences. Nestas ocasiões as desculpas atreladas a esta situação são sempre pôr a culpa na chuva, na falta de noção das pessoas por morarem nestas localidades, sendo que muitas delas não possuem a mínima opção de saírem daqueles locais por não terem condições de adquirir uma nova moradia. É desconsiderado assim que o município não possui o saneamento básico adequado e o planejamento de construção da cidade não foi pensado da forma correta.

As enchentes podem atrelar ao rio aspectos negativos, pois podem associar a natureza a algo selvagem que pode vir a prejudicar aos seres humanos e que tem que ser contida. Essa imagem é reflexo de teorias difundidas com o decorrer do tempo, onde a modernidade era o objetivo de grande parte das sociedades. Desse modo, a natureza estava a parte desse modelo de modernidade, sendo um empecilho para o alcance dos moldes europeus de civilização, pondo ao seu controle a melhor solução. Assim, a partir da ciência e tecnologia foi como se o ser

humano: “(...) pudesse declarar sua liberdade diante dos ditames das intempéries naturais e dos sortilégios do acaso. Pois agora, sustentado pela razão, salvaguardado pela ciência e pela tecnologia, nada mais o poderia deter.” (PEREIRA, 2007, p.140), através desse trecho percebemos um outro ponto importante a se mencionar: a ideia de superioridade e dominação do ser humano perante a natureza, pensamento esse atrelado a inércia vinculada aos elementos naturais; o que é errôneo, como pontua Garnero (2022) destacando a extrema relevância dos rios para a consolidação das nações, atuando como ponto crucial das transformações dos centros urbanos, sendo válido ressaltar também as diversas visões de um mesmo rio dependendo do local que ele percorre, podendo influir de diferentes formas nas diversas localidades que o mesmo passa.

2.3 Os Rios na História: desconstruindo a ideia de rios inertes

Ao longo da história, os seres humanos, as estruturas das sociedades e os rios assumiram diferentes relações dependendo do período e localidades que estavam inseridos. Nesse viés, podemos perceber sentidos distintos dados aos rios, sendo vistos em determinados momentos como empecilhos para o progresso e em outros como aliados desde que suas águas fossem “domesticadas”. Para adentrar nessas questões é necessário que entendamos os diversos usos dos rios e a dinâmica das sociedades que eles percorrem; como já vimos aqui Gabriel Garnero (2022) pontua a não homogeneidade dos rios, podendo ter cores, tamanhos, propriedades biológicas diferentes e isso influencia nas visões dos seres humanos sobre eles e no sentido para as apropriações deles. O rio Ipixuna e as dinâmicas que o perpassam se assemelham a características de diferentes rios ao longo da História; para entender tais características e discorrer possibilidades de abordagens que tragam o rio Ipixuna ao foco, de forma com que se cumpra as diretrizes do currículo, ao mesmo tempo que explana a História local, dialogarmos com alguns exemplos.

Em primeiro momento, quando se faz uma análise sobre os rios ao longo da história, é perceptível como eles tornaram possíveis às construções de comunidades, haja vista que muitas delas foram desenvolvidas às suas margens. “(...) pois todos os nossos assentamentos humanos, na Europa, na Ásia, na África, por todos os lados, sempre foram atraídos pelos rios (...)” (KRENAK, 2022, p. 12); através disso, é refletida a importância e influência dos rios, não somente quando se pensa no sentido de sustento dos que deles dependem, mas também a sua

relevância nos aspectos socioculturais e econômicos das localidades. Sabendo que os corpos hídricos não são inertes nos processos históricos, é necessário entender como se construíam e se constroem as relações dos seres humanos com os rios; assim, é possível mencionar um exemplo difundido demasiadamente que é o Rio Nilo.

Sabe-se que na Antiguidade, a dinâmica da sociedade egípcia girava em torno de atividades ligadas ao rio, tanto é que estes usos dos rios fizeram com que vilas posteriormente se tornassem cidades. Para mais, quando se analisa os processos de construção das civilizações, os corpos hídricos nas suas mais diferentes facetas assumem diversas utilizações como pontua Maria Gorski (2008), eles se faziam primeiramente como “marcos ou referenciais territoriais”. Além disso, se mostram importantes também para compreender as dinâmicas de obtenção de alimentos e seus usos como vias de transporte e comércio.

Ao observar as dinâmicas do rio Ipixuna, é percebido semelhança a estes aspectos supracitados, haja vista que as os primeiros relatos e fontes acerca da história de Ipixuna do Pará, apontam como a partir das margens do rio Ipixuna, o que até então era uma vila de São Domingos do Capim, foi ganhando forma e posteriormente se tornou a cidade de Ipixuna do Pará. Como pontua Lígia Ribeiro (2020) é possível observar assim a importância de um trabalho que analise historicamente acerca das múltiplas relações desenvolvidas pelos indivíduos que viveram em tempos distintos com os rios, pois isso irá viabilizar a reflexão sobre as vivências desses indivíduos e como atualmente essas relações, usos e concepções sobre esses rios se transformaram. E para além disso, a partir do rio Ipixuna pode-se perceber como o cotidiano e as relações de sociabilidade tinham o rio como centro, revelando que as dinâmicas sociais da história de Ipixuna do Pará não seriam viabilizadas sem a agência do rio; é válido pontuar que estas observações vão ser explanadas de melhor forma na abordagem das entrevistas mais adiante no presente trabalho.

Por conseguinte, ao se debruçar nos estudos relacionados às percepções e os usos dos rios, em grande medida é mencionado os rios como “estradas”. Gilmar Arruda (2008) faz uma análise com base em documentos oficiais do Estado do Paraná, buscando perceber de que forma os rios aparecem nesses documentos, ele pontua que as primeiras ações do governo em relação aos rios foram: “(...)conhecer a utilidade destes para a navegação, o seu uso como estradas para facilitar a comunicação e o comércio(...)” (ARRUDA, 2008, p.157). Os rios como caminhos foram instrumento da formação de Ipixuna do Pará, juntamente com as canoas que permitiam a chegada dos habitantes e transporte para comerciantes; além da sua utilização como estradas

as margens do rio Ipixuna eram valorizadas para a construção de casas de comércio, como pontua o ofício da prefeitura enviado ao IBGE.

Entretanto, com o passar do tempo os rios foram sendo atrelados a outros usos e percepções. Nesse sentido, o avanço da ciência em consonância com o processo de globalização, trouxeram novas visões e formas de se utilizar dos rios. Ailton Krenak (2022) discorre uma narrativa acerca do Rio “Watu”, o rio doce. Em seu livro “Futuro Ancestral” o autor explana como o rio que tinha nas suas margens comunidades Krenak, foi transformado em lama devido a irresponsabilidade humana em decorrência das atividades “modernas” incentivadas pelo capitalismo, onde rejeitos vazados de uma barragem se espalharam pelo Rio doce e mataram não só a ele, mas a cultura e memórias dos que dele dependiam.

A partir disso, podemos perceber como a intensificação da globalização e consequentemente da urbanização, acarretaram prejuízos desmedidos à natureza. Márcio Baptista e Adriana Cardoso (2013), discorrem de como estes prejuízos foram se dando ao longo da História nos rios, apontando que até mesmo na Idade Antiga e Média, os corpos d’água já sofrem com as transformações urbanísticas que iam ocorrendo nas sociedades, desde a ocupação indevida de suas margens até despejos de produtos inadequados nas águas. Porém, esses impactos sofrem um demasiado aumento com a Revolução industrial, onde na sua primeira fase com a ênfase nas indústrias, os corpos hídricos são vistos em grande medida como depósito de resíduos poluidores advindos destas fábricas. Como pontua Sandra Mello: “Muitos dos espaços ribeirinhos de nossas cidades guardam ainda a degradação resultante da exploração econômica, do período industrial entre os séculos XIX e XX, quando eram os sítios mais propícios para a instalação de plantas industriais” (MELLO, 2008, p.32).

Após o período de intensificação da Revolução Industrial, ao pensar em um contexto geral de transformações ocorridas nas sociedades; a Belle Époque, denominação dada ao período datado do final do século XIX e início do XX, onde especialmente na Europa houve uma onda de mudanças que eram também outras localidades, seja nas formas de se pensar o mundo, desde a formas de se comportar, até às próprias dimensões de estruturação das sociedades, pensando no aspecto urbanístico e cultural; é um momento que traz um ponto importante ao se analisar os usos dos rios, cujo é o processo de higienização das cidades. Conceição Almeida (2010) discute este processo na cidade de Belém, desde os oitocentos, onde frisa que a visão das águas como atreladas à coisas negativas, como insalubridade e doenças eram perpetuadas e que esta teoria se intensificou no século XIX, onde o anseio pela civilização

era o enfoque: “(...) desenvolvera-se no século XIX o debate acerca dos modos de uso e desuso das águas, configurando-se o líquido em questão como mais um elemento do mundo natural a ser negociado.(...)” (ALMEIDA, 2010, p. 99).

Na realidade ipixunense, a urbanização desordenada também teve seus efeitos. O processo de despejo de resíduos nos rios que tiveram sua intensificação durante a Revolução Industrial, é percebida no rio Ipixuna, quando infelizmente esgotos caem em suas águas. Ana Lúcia Gutjahr, Laudyson Araújo, Evandro Matos e Carlos Braga (2014) discorre sobre estes esgotos e pontua que os mesmos, sendo eles comerciais e domésticos de vias de captação superficial são despejados literalmente no rio Ipixuna, inclusive em balneários muito frequentados na cidade apontando riscos à saúde destes banhistas. Quanto à política de higienização, que foi intensificada no período da Belle Époque, sendo refletida através de um primeiro propósito de canalização das águas e esgotamento das cidades; essa realidade não é a que acompanhamos Brasil a fora. Em Ipixuna do Pará segundo dados do IBGE, em 2010 o município contava com apenas 25% de esgotamento adequado, um dado importante que reflete bem a falta de preocupação dos governantes com relação ao meio ambiente e as mazelas ocasionadas pelo seu mau uso.

Com esse pressuposto, percebemos a importância de se discutir os rios urbanos no ensino de história, neste caso específico, o rio Ipixuna como corpo d'água de agência na construção de Ipixuna do Pará, trazendo através de sua análise uma visão mais abrangente da História. Bruno Capilé (2015) discute acerca dos rios urbanos, pontuando esta agência dos mesmos e sua relação com os seres humanos, Capilé sinaliza que a espécie humana não existe sem sua relação com a natureza, tanto no âmbito externo quanto interno. No entanto, são inegáveis as dificuldades enfrentadas pelos professores de História ao tratar a relação sociedade-natureza e como isto é refletido em pouquíssimas abordagens nas suas práticas de ensino. Porém, como pontua Capilé não há como fugir dessa relação de interdependência; então para além de mostrar esses impasses e a falta de debates acerca do tema nas escolas, esta pesquisa busca evidenciar a necessidade dos professores se adequarem às novas demandas e áreas de estudo que a História propõe no contexto atual e que trazer para as aulas de História o rio Ipixuna o apontando como um possível patrimônio ambiental trará grandes benefícios.

2.4 Patrimônio Ambiental: dos conceitos à realidade

Neste trabalho argumenta-se que o rio Ipixuna pode ser considerado um patrimônio ambiental e sua abordagem com tal é de suma importância para o ensino de história. Mas, para que possamos entender essa possibilidade de abordagem, é necessário fazer um paralelo de como ao longo da história a palavra e posteriormente conceito de patrimônio foi se modificando e abrangendo novas perspectivas. E é através dessas novas dimensões que o conceito de patrimônio ambiental ganha relevância no âmbito da História. A priori, a noção de patrimônio estava diretamente associada à propriedade ou herança e ao longo dos anos esta visão foi ligada à nação, como algo comum a todos.

Pedro Funari cita “O patrimônio como bem privado a ser transmitido por herança esteve na base da criação do patrimônio público da nação e resulta da implantação do estado nacional, em fins do século XVIII e no decorrer do século XIX” (FUNARI, CARVALHO, 2005, p. 34). Seguindo a lógica de Funari, a ideia de patrimônio nacional foi desenvolvida desde os reinos medievais com o intuito de unir a diversidade de suas populações em algo em comum. Todavia, essa visão fechada de patrimônio em prol da construção de um nacionalismo difundida em diferentes épocas, desconsidera as especificidades socioculturais dos povos; tendo em vista a falsa homogeneidade que é propagada, marginalizando percepções patrimoniais diversas, seja pela escolha de patrimônios feitas pelos reinos medievais como pontuou Pedro Funari (2005), seja pelas escolhas do IPHAN desenvolvidas atualmente.

No contexto brasileiro, o primeiro órgão de proteção ao patrimônio cultural foi o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1937 durante o governo de Getúlio Vargas, o que posteriormente se tornaria IPHAN. Mas, em primeiro momento é necessário se atentar aos discursos e intenções relacionadas a patrimônio neste período, pois em 1930 as ações do SPHAN: “(...) estavam diretamente relacionadas à construção imaginária da nação que era sustentada pelo discurso dos intelectuais ligados ao órgão, em sua defesa da cultura nacional baseada em tradições do passado colonial. (...)” (SILVA, 2010, p. 47). Através disso, podemos perceber como a concepção de patrimônio estava ligada a esta idealização de uma nação através da preservação da arquitetura colonial, assim é possível destacar as permanências deste discurso ao longo da História do Brasil, de aspectos como o privilégio que patrimônios de “pedra e cal” possuem a serem reconhecidos e preservados.

Com isto, Pedro Funari e Alice Carvalho (2005) pontuam como ao longo do tempo foram sendo criticadas as normas que conceituavam patrimônio, críticas que foram reflexo do contexto social após o modernismo. Sendo este período caracterizado por intensas mudanças, como a maior ênfase na diversidade dos povos e de suas concepções, multiculturalidade esta que poderia ou pelo menos deveria ser refletida nos patrimônios. Glaci Silva (2010) frisa as mudanças conceituais acerca de patrimônio através do IPHAN, como até mesmo sua denominação de “Patrimônio Histórico e Artístico” para “Patrimônio Cultural”, o que segundo a autora não foi tão refletido na prática, ao pensar que: “(...) a atuação do IPHAN se concentra nos imóveis de valor artístico e arquitetônico considerados relevantes, ou seja, os critérios de avaliação predominantes ainda são o artístico e arquitetônico (...)” (SILVA, 2010, p. 50-51).

Nesse viés, de mais abrangência da conceitualização de patrimônio cultural, o patrimônio natural se tornou uma das faces patrimoniais. Danilo Pereira (2018) afirma que foi por meio da convenção do Patrimônio mundial, cultural e natural da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1972, que foi explanado pela primeira vez o conceito de patrimônio natural como sendo caracterizado por lugares de interesse naturais ou zonas naturais com áreas delimitadas, tendo valor imensurável seja para a ciência, conservação ou estética natural.

Com esse pressuposto, ao pensar a disputa de memórias que perpassam o tombamento do IPHAN e conseqüentemente o silenciamento das minorias neste processo, a política de tombamento de patrimônios naturais é ainda mais restritiva. Como pontua Danilo Pereira: “No campo de disputas no âmbito de seleção de patrimônios, o patrimônio natural é uma categoria menos privilegiada” (PEREIRA, 2018, p. 35), essa maior dificuldade se faz pelos critérios estabelecidos da ideia de “natureza intocada” e separação de sociedade-natureza atrelada ao reconhecimento de patrimônios naturais.

Em meio às políticas preservacionistas, observadas através das conferências mundiais que apontam para a necessidade de se discutir a relação da sociedade e o meio ambiente. A denominação de patrimônio ambiental, traz uma dimensão mais social que caracteriza elementos do mundo natural como possíveis patrimônios ambientais, diante de seu papel nas relações sociais de determinada localidade. Segundo Sandra Pelegrini, o patrimônio ambiental explana a relação dos seres humanos com o meio, a conscientização de seu uso comum, e no mais destaca o papel coletivo pelo cuidado do espaço. A autora destaca: No decorrer do século

XX, a noção de patrimônio ambiental urbano amplia-se e também passa a ser considerada fator de reconhecimento dos núcleos históricos.” (PELEGRINI, 2006, p. 119).

Assim, sob essa ótica que podemos apontar a possibilidade de abordagem do rio Ipixuna como patrimônio ambiental, haja vista que a partir dele e de suas margens se construiu Ipixuna do Pará e conseqüentemente ao fazer uma análise histórica a partir dele nos permite perceber a diversidade de relações e dinâmicas sociais que permeavam e permeiam a história de Ipixuna do Pará, como também é válido evidenciar a relação do rio Ipíxuna com as memórias e identidades da população; pois o patrimônio tem esse poder, de evocar memórias e sentimento de pertencimento nas pessoas. E para além disso, como aponta Pelegrini, estimular esta discussão do rio como patrimônio, irá possibilitar fomentar uma maior atenção ao espaço por ele percorrido, às práticas de seu uso e um maior anseio por sua preservação.

3. SEGUNDO CAPÍTULO- QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS: DIVERSAS

VISÕES SOBRE O RIO IPIXUNA E OS CONCEITOS DE PATRIMÔNIO

3.1 Analisando os questionários: percepções dos discentes em foco

Buscou-se por meio dos questionários (ANEXO A) direcionados aos alunos do 9º ano de duas escolas diferentes da cidade de Ipixuna do Pará, entender como estava se desenvolvendo o ensino de História, analisando de que forma o rio Ipixuna era abordado nas aulas; além disso, observar as diferentes visões sobre o rio, suas compreensões acerca do conceito de Patrimônio e de que forma as aulas de História poderiam influenciar nessas visões. Vale ressaltar, que foram escolhidos alunos do 9º ano, pois houve o intuito de entender como foi a trajetória dos alunos durante o ensino básico, com relação as concepções e modificações do conceito de patrimônio abordado nas aulas de História ao longo dos anos.

Houve o anseio de fazer um paralelo entre visões de habitantes mais novos do município por meio dos questionários e por outro lado as perspectivas dos moradores antigos de Ipixuna do Pará. Dessa forma, os questionários são formados por seis perguntas estratégicas, que tem como objetivo: entender as diversas dimensões do conceito de patrimônio por meio da opinião dos discentes, perceber como os alunos enxergam o rio Ipixuna e se fazem alguma relação do mesmo com o debate patrimonial, observar até que medida o alunado sabe ou considera a

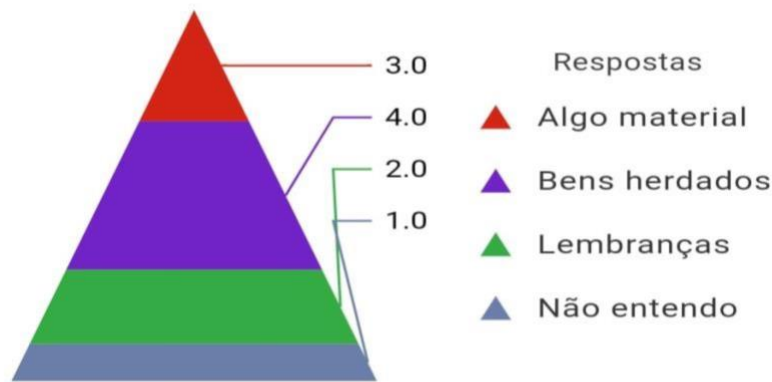
importância histórica do rio Ipixuna e se essa importância ou outros aspectos relacionados ao rio são abordados nas aulas de História ou de outras disciplinas.

De acordo com Parasuraman (1991) os questionários são um compilado de perguntas feitas com o objetivo de conseguir respostas para o andamento da pesquisa. Contudo, apesar das perguntas serem feitas com objetivos pré-definidos, no âmbito da História passarão por um intenso rigor metodológico para que sejam realizadas análises bem fundamentadas e afirmativas acerca das respostas obtidas nos questionários com base em embasamentos teóricos. Tendo em vista estes pressupostos, agora nos debruçaremos sobre os dados das respostas de cada escola para assim entendermos os resultados desta pesquisa. Partindo de perguntas numeradas de 1 a 6 (ANEXO A).

A primeira escola analisada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Marques, que fica localizada no bairro Vila Nova da cidade de Ipixuna do Pará, um pouco afastada do centro da cidade. A escola atende a demanda do ensino fundamental 1 e 2, possuindo alunos do âmbito urbano e rural da cidade. É válido pontuar que foi escolhido um dia em comum acordo com a direção, a professora de História e os alunos para que fossem aplicados os questionários; a turma analisada foi do 9º ano, com discentes em grande maioria de 13 a 14 anos.

Em primeiro momento, foi apresentada a autora da pesquisa e ressaltado que a aplicação dos questionários fazia parte da construção de uma monografia, pontuando também que apenas 10 alunos da turma iriam responder, assim aqueles que se interessassem poderiam levantar as mãos voluntariamente. Por conseguinte, frisou-se que os alunos não precisariam se identificar, o que os pouparia de sentir alguma espécie de constrangimento. Sendo assim, foram entregues os questionários aos discentes que se disponibilizaram a responder e depois de aproximadamente meia hora todos os alunos já tinham entregado suas respostas. A partir disso, começaremos agora a analisar as respostas obtidas nos questionários:

Gráfico 1: Respostas da Pergunta nº1- O que você entende por patrimônio?

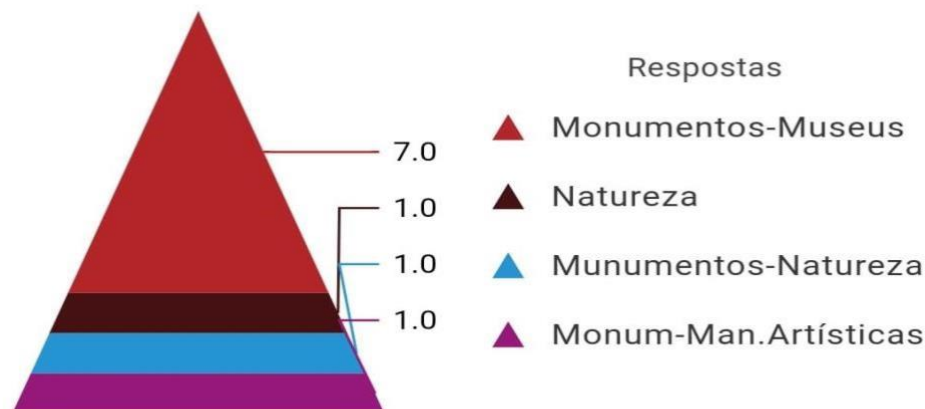


Fonte: elaborado pela autora (2023)

Podemos perceber através do gráfico, que 40% dos alunos responderam que entendem como patrimônio os bens herdados, sendo a resposta mais citada nesta pergunta. Através destas respostas, é evidenciado a continuidade das primeiras percepções acerca de patrimônio, como pontua Pedro Funari e Aline Carvalho (2005) que estavam ligadas ao sentido de propriedade, podendo ser herança deixada por alguém. Nesse sentido, é perceptível a variedade de aplicações do conceito de patrimônio e como até mesmo visões advindas de outras épocas persistem até hoje. Por conseguinte, com 30% a segunda resposta mais mencionada foi a concepção de patrimônio ligada a algo material, entende-se que estas respostas também estão ligadas a um conceito de patrimônio mais tradicional, que perpassa a materialidade, sendo vistas até mesmo nas próprias ideologias do IPHAN que abrange muito mais monumentos de pedra e cal, do que manifestações artísticas ou elementos naturais.

Dando sequência, 20% dos alunos responderam que associam patrimônio a lugares que trazem lembranças importantes, sendo atrelados a isto prédios da prefeitura ou residência que alguém viveu por muito tempo, fazendo assim parte da história desse indivíduo, além de pontuarem também o debate patrimonial ligado ao heroísmo. Ao pensarmos que alguma parte dos discentes vincularam patrimônio a monumentos do governo, ou a algo heroico, é perceptível como a História positivista pode ser pontuada como influência nestas percepções dos alunos, haja vista que esta prática do ensino de história enfatiza em grande medida os aspectos políticos administrativos das sociedades e os feitos dos “grandes homens” nestes âmbitos. Fato este, que também pode justificar o fato de 10% dos alunos afirmarem que não possuem nenhum entendimento a respeito de patrimônio.

Gráfico 2: Respostas da Pergunta n°2- Marque duas alternativas que você julga se associar ao conceito de patrimônio



Fonte: elaborado pela autora (2023)

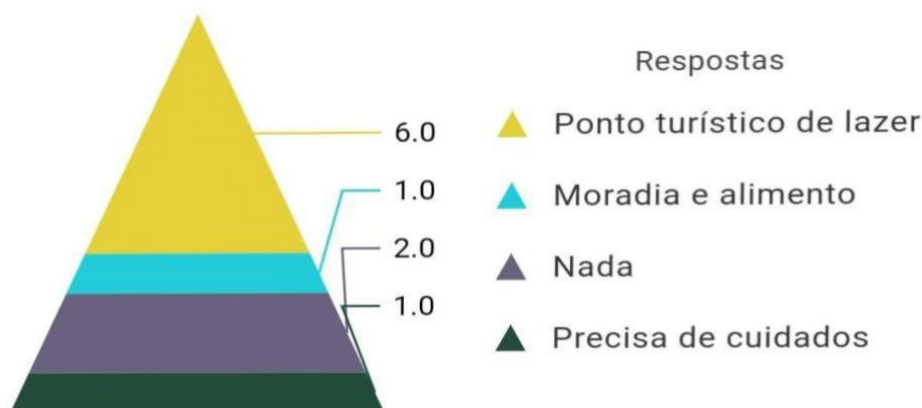
Após observar as concepções de patrimônio dos alunos, na pergunta n°2 foram elencadas algumas alternativas e dentre elas os discentes deveriam escolher apenas duas, com base nas suas percepções patrimoniais. Estavam disponíveis as seguintes opções: monumentos, natureza, museu e manifestações artísticas. Através disso, como podemos ver 70% do alunado associou o conceito de patrimônio à monumentos e museus, que são os elementos mais difundidos. Sendo essa difusão muito associada ao próprio livro didático, que na maioria das vezes é a principal ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem e que em grande medida explanam o patrimônio através de uma concepção extremamente atrelada à arquitetura colonial.

Como pontua Fernanda Figueiró (2012) analisando as imagens que fazem referência a patrimônio nos livros didáticos, a autora frisa como através delas é refletido um discurso de patrimônio tradicional, com base em acepções patrimoniais ligadas a expressões materiais que dão ênfase em patrimônios construídos no período colonial. Figueiró frisa ainda como as imagens são importantes no processo de entendimento dos alunos, sendo assim ao verem imagens apenas de prédios antigos, monumentos de “pessoas importantes” ou até mesmo os museus, os alunos se prendem a um contexto fechado de patrimônio e deixam de olhar para sua própria realidade e no caso específico desta pesquisa deixam de olhar o rio como uma possibilidade de patrimônio ambiental, por não verem essa realidade nas aulas e nos livros didáticos.

São verificadas as percepções tradicionais como maioria, tendo apenas 10% das respostas pontuando os monumentos e manifestações artísticas como patrimônio, além de 10%

terem marcado monumentos e natureza e 10% marcaram apenas a opção natureza sem a segunda opção. Ao analisar estes dados é importante pensar a razão pela qual apenas 10% mencionou as manifestações artísticas como forma de patrimônio, e principalmente o fato de apenas 2 pessoas terem apontado a natureza como forma de patrimônio. Isto reflete claramente a falta de abordagens patrimoniais ambientais no âmbito escolar e como isto reflete na concepção do alunado.

Gráfico 3: Respostas da Pergunta nº3- De acordo com suas vivências, explique o que o Rio Ipixuna é para você



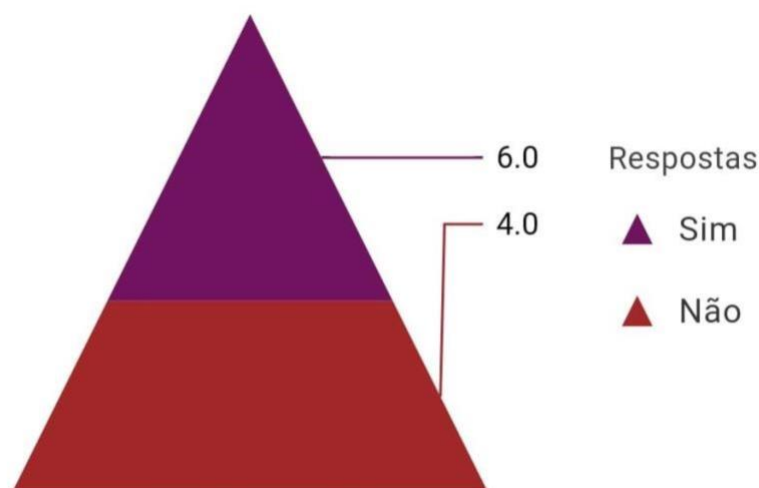
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Com o objetivo de entender como os alunos veem e compreendem o rio Ipixuna, a pergunta nº3 questiona de acordo com as vivências dos alunos, o que o rio Ipixuna significa para eles. Nesse sentido, 60% dos discentes responderam que para eles o rio Ipixuna é um ponto turístico de lazer, para estar com a família aos finais de semana, sendo que 10% responderam que apesar de ser bom lugar para se divertir com a família, é necessário que se tenha mais cuidados ambientais com o rio, haja vista que no mesmo e em seus arredores existem lixos. No mais, verificou-se que 10% explanaram o rio Ipixuna como importante no sentido das moradias que existem em suas margens, na obtenção de alimentos advindos dele, como a pesca. Além disso, 20% indicaram que o rio não significa nada a eles, demonstrando como é presente o não reconhecimento da importância do rio Ipixuna.

Com base nestes resultados é evidenciado como a visão do mundo natural ainda está muito ligada a lazer e turismo e isto foi refletido na resposta de 60% dos alunos. É válido pontuar, a realidade de Ipixuna e como o rio foi e ainda é o principal meio de divertimento de

seus habitantes e como através desses momentos são construídas memórias afetivas. Entretanto, é importante também nos atentarmos para a compreensão do rio para além do lazer, entender a relevância de explicar o contexto que o perpassa, sua influência na construção de Ipixuna do Pará e da própria realidade do povo ipixunense. Esta percepção é citada por 10% dos discentes que pontuaram a importância do rio para eles, por saberem que muitas pessoas moram nas suas margens e através da pesca conseguem parte do seu alimento de cada dia. No mais é preciso frisar como a escola por meio da educação tem poder de transformar e a educação patrimonial faz ainda mais esse papel, como frisa Danielle Ferreira (2013) quando são promovidas abordagens da História local juntamente com patrimônio no ensino de História, se insere a realidade no alunado nas aulas e o faz se ver como parte da história, contribuindo assim para a valorização do seu lugar e conseqüentemente também do rio Ipixuna.

Gráfico 4: Respostas da pergunta nº4- Você sabe qual a importância histórica do Rio Ipixuna?



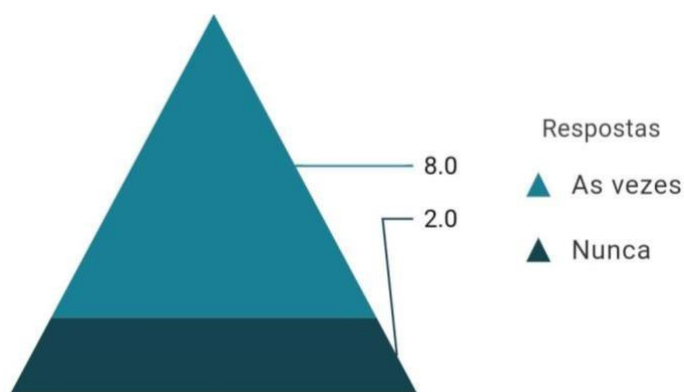
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Posteriormente ao visualizar uma visão mais geral dos alunos ao pensarem o que o rio Ipixuna significa para eles, buscou-se perceber se eles sabiam da importância histórica do rio e de que forma eles explanavam essas percepções, pois teriam que justificar caso respondessem que “sim”. Sendo assim, 40% das respostas foram que não sabiam e 60% afirmaram que sabiam desta importância do rio Ipixuna. Dentre os alunos que responderam que sim, o principal ponto mencionado por 30% foi o fato de nas palavras deles “já existir o rio antes mesmo da cidade” e a importância do rio no sentido de que a construção de Ipixuna aconteceu através do rio, pois

foi através dele que vieram habitantes. Além disso, 20% mencionaram sua relevância quando se pensa na sobrevivência de muitos, como através do fornecimento de água, haja vista que antigamente não se tinha água encanada e da própria pesca já mencionada em respostas de perguntas anteriores. No mais, 10% afirmou como é importante se promover o conhecimento acerca do rio Ipixuna, para que os habitantes do município compreendam sua importância histórica.

É válido pontuar, o aspecto positivo de alguns dos alunos reconhecerem a importância do rio Ipixuna para a construção do que hoje é Ipixuna do Pará. Mas ao analisar estas respostas, uma delas chama atenção, o fato de um discente destacar que antes mesmo da vila de Ipixuna e sua posterior emancipação, já existia o rio. Quando se pensa na relação sociedade-natureza, em grande parte das vezes os seres humanos são postos como dominantes e parte mais importantes da História. Sendo assim, é bastante significativo observar a percepção deste discente, apontando justamente a agência da natureza muito antes da interferência humana e nos fazendo refletir o que muitas vezes é silenciado; a natureza não precisa da gente, nós que precisamos dela e para além da nossa interferência no mundo natural, ele interfere diretamente nas nossas vivências e condiciona muitas de nossas ações.

Gráfico 5: Respostas da pergunta nº5- Com que frequência o Rio Ipixuna é abordado nas aulas de história?



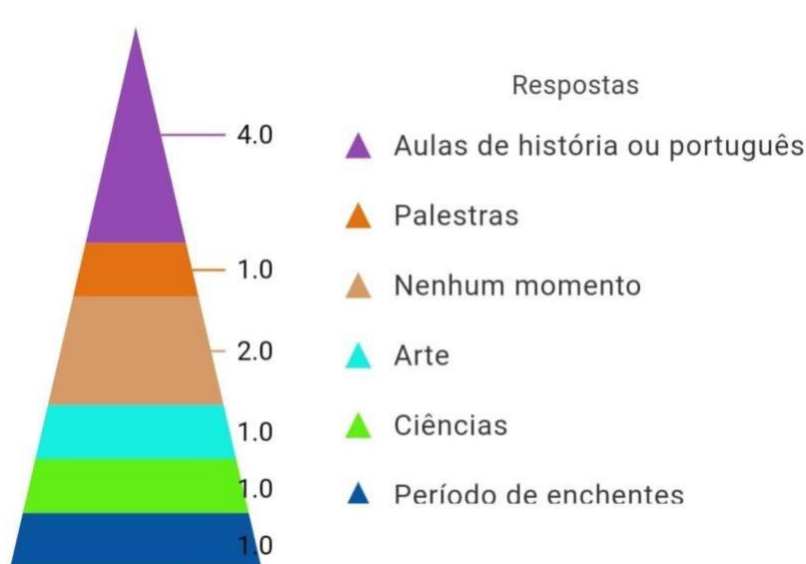
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Foi perceptível até aqui as diversas visões sobre patrimônio dos alunos, como eles veem o rio Ipixuna e se de alguma forma associam a natureza e conseqüentemente o rio à idealização de patrimônio. É crucial pontuar que tentou-se entender se havia essa relação do rio como patrimônio, de forma indireta para que não houvesse a indução de respostas. Sendo assim, dando continuidade, a pergunta nº5 os questionou em que frequência o rio Ipixuna era abordado

nas aulas de História, sendo que os discentes tinham as seguintes opções: Nunca, as vezes e constantemente.

Como observamos através do gráfico, não se obteve nenhuma resposta afirmando que o rio Ipixuna é abordado constantemente nas aulas de história, o que já era esperado sabendo-se que em grande medida por experiência da pesquisadora do presente trabalho, os aspectos ambientais são abordados apenas em dias pontuais, como no dia da água, dia da terra ou semana do meio ambiente. Por outro lado, 80% dos discentes apontaram que “as vezes” o rio Ipixuna é abordado nas aulas de História, evidenciando um lado positivo que é o fato de se ter essa abordagem, porém o lado negativo de se ter poucas vezes. Além disso, o fato de 20% dos alunos terem respondido que nunca ouviram falar do rio Ipixuna nas aulas de História, faz-nos refletir sobre a necessidade de dar maior ênfase na História local e desenvolver estratégias para que para além do papel isto aconteça da prática do ensino de História. Afinal, o rio Ipixuna precisa ser lembrado e preservado não somente em dias esporádicos, mas sim todos os dias.

Gráfico 6: Respostas da pergunta nº6- Em que momento em sua escola, você ouviu falar no Rio Ipixuna? Obs: podendo ser nas aulas de história ou de outras disciplinas.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

A partir das respostas, foi evidenciado como as abordagens do rio Ipixuna não são algo frequente nas aulas de história. Infelizmente isto é observado em grande parte das vezes devido a temática ambiental que ainda está de certa maneira desvinculada do ensino de História, como se não fosse “obrigação” do historiador debater estas questões. Donald Worster discute sobre isso: 'O historiador ambiental, além de fazer algumas perguntas novas, precisa aprender a falar

algumas línguas novas.” (WORSTER, 1991, p. 202), Worster nos evidencia uma dificuldade enfrentada pelos historiadores ao se propor a trabalhar com aspectos ambientais em suas aulas, que é a necessidade de “falar outras línguas”, ou seja, se debruçar sobre novas áreas como as ciências naturais, para que de melhor forma o mesmo compreenda as dinâmicas que perpassam o mundo natural e consiga trazer esse debate ao âmbito da História, fazendo como ele frisa “perguntas novas” à História, trazendo assim uma análise mais abrangente das sociedades e sua relação com a natureza. Mas, grande parte dos professores não se propõe a se atentar a esses aspectos e acabam reproduzindo as mesmas narrativas tradicionais, que silenciam a natureza e outros sujeitos como parte integrante e importante da História.

A partir disso, é possível observar no gráfico 6 os momentos mencionados pelos alunos em que o rio Ipixuna foi abordado na escola. 40% deles dizem ter ouvido falar do rio nas aulas de História, o que é bom, mas seria necessário entender em que contexto ele foi mencionado. Pode-se pensar que essa menção possa ter ocorrido no período de enchentes que ocorrem todos os anos no município, como responderam 10% dos discentes ou até mesmo em palestras como pontuaram 10% das respostas. Através desses dados, podemos salientar o fato de como já foi mencionado aqui, o rio Ipixuna ser explanado em grande parte das vezes apenas em dias pontuais, como no seu período de cheias e em palestras como frisaram 10% do alunado, palestras essas que frisam justamente as motivos e consequências destas enchentes, porém só acontecem uma vez no ano.

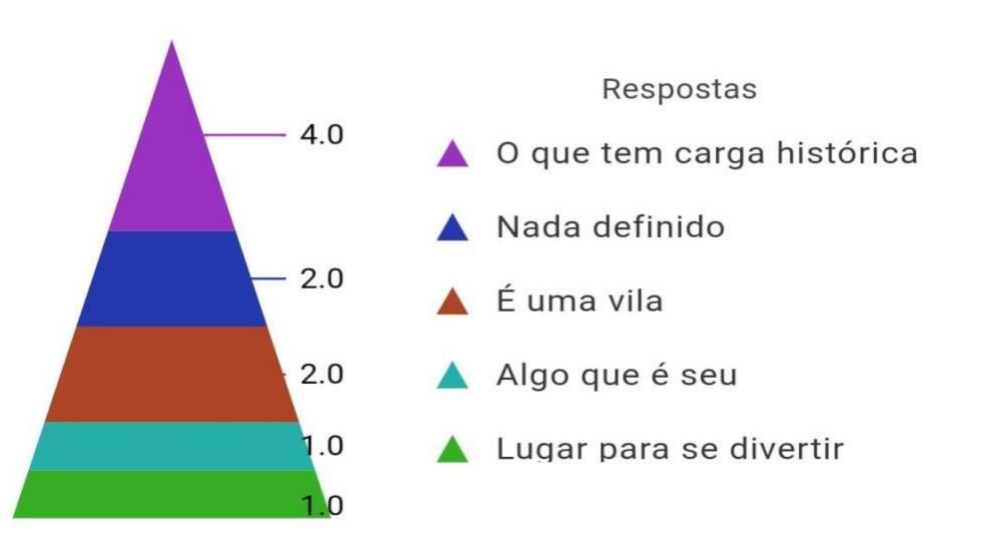
Isto tem que ser problematizado, haja vista que os alunos devem ser conscientizados constantemente acerca da importância do rio Ipixuna e de buscarem preservá-lo, tanto no âmbito individual como também cobrando posições governamentais a respeito de ações que busquem cuidar deste rio. Para mais, 20% das respostas indicaram não ter ouvido falar do rio Ipixuna em nenhum momento da escola e os demais mencionaram ter ouvido nas disciplinas de ciências, artes e português, fato esse que demonstra como são dinâmicos os debates ambientais e como o professor de História pode se valer da interdisciplinaridade para abrir uma janela no seu ensino que abranja a História ambiental.

Concomitantemente, a segunda escola analisada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Adélia Carvalho Sodré, que fica localizada no bairro centro da cidade de Ipixuna do Pará. É válido citar que a escola além de possuir o fundamental 1 e 2, também tem um anexo que trabalha a dimensão do ensino médio, mas a escolha desse trabalho foi observar o ensino fundamental, sendo especificamente também o 9º ano. A escola tem demandas do alunado

urbano e rural, sendo uma boa parte da zona rural, tendo em vista a falta de escolas que possuam o fundamental 2 em diversas comunidades rurais e, também, o fato da escola ser bem buscada na região.

Assim como na primeira escola, nesta também foi escolhido um dia em comum acordo com a direção, a professora de História e os alunos para que fossem aplicados os questionários. Dessa forma, no dia escolhido foi apresentada a autora da pesquisa e objetivo do preenchimento dos questionários, indicando que fazia parte do trabalho de conclusão de curso. Após isso, foi indicado que seria necessários 10 alunos que se disponibilizassem para responder as perguntas de forma anônima. Dessa forma, várias pessoas levantaram a mão e de forma aleatória foi escolhido 10 discentes, que posteriormente escreveram suas respostas e entregaram os questionários em aproximadamente 40 minutos. Destarte, observaremos agora os gráficos das respostas dos alunos:

Gráfico 7: Respostas da pergunta nº1- O que você entende por patrimônio?



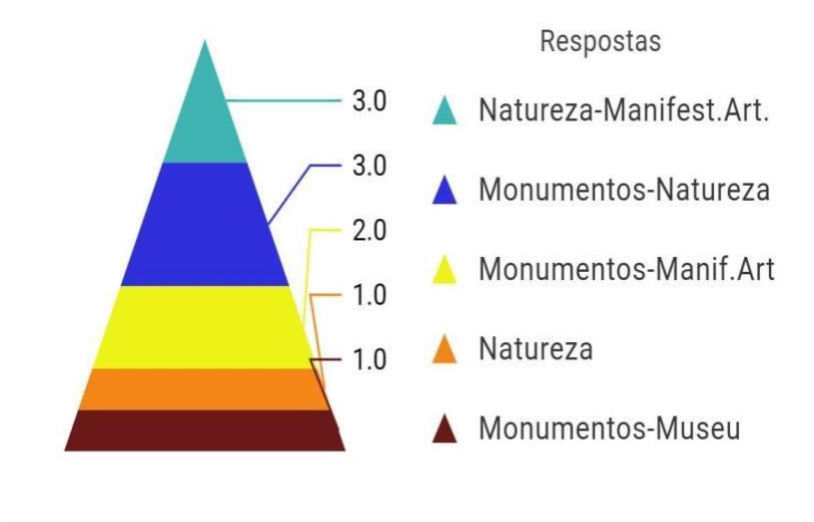
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Como podemos perceber ao serem perguntados sobre o que entendem por patrimônio, a maioria dos discentes sendo no total 40% indicaram que patrimônio está ligado a algo com carga histórica e que tem que ser preservado. Percebe-se uma visão patrimonial mais abrangente nestas respostas, quando comparadas às da Escola Antônio Marques onde pontuaram principalmente uma visão mais tradicional propriamente da palavra patrimônio associada a bens herdados e coisas materiais, mas que, entretanto, percebe-se semelhança também neste gráfico, quando 10% responderam como patrimônio algo que é seu, ou seja ligando-o mais uma vez a bens e propriedades. Por outro lado, 20% dos alunos não conseguiram definir o que seria

patrimônio, porém justificaram sua resposta com base nas diversas formas de o definir e por isso seria difícil escolher apenas uma.

Um dado em específico era esperado pela autora deste trabalho, cujo foi obtido através de 20% das respostas, onde os alunos descreveram patrimônio como sendo uma comunidade ou vila presente no território rural. Esse dado era esperado por experiência da própria autora onde desde pequena ouvia seus avós chamarem a vila da comunidade rural como “patrimônio”, um local caracterizado por ser a parte mais “urbanizada” da comunidade, onde geralmente fica localizada a escola, caso tenha as casas de comércio e a igreja. Tendo em vista a grande quantidade de alunos que residem na zona rural, para os mesmos essa definição própria acerca de patrimônio é normal a eles, o que para outras pessoas fora dessa realidade pode causar estranhamento. Ademais, 10% dos alunos apontaram o patrimônio como um lugar para se divertir; percebemos semelhança com algumas respostas de perguntas anteriores feitas a escola Antônio Marques, onde os alunos associavam o rio Ipixuna como local de diversão e então podemos levantar a hipótese de locais como o rio Ipixuna serem considerados patrimônio para os alunos que tiveram essa resposta; tendo em vista que para grande parte dos habitantes da cidade frisam que o rio Ipixuna é um dos poucos lugares de lazer e diversão da cidade.

Gráfico 8: Respostas da pergunta nº 2- Marque 2 alternativas que você julga se associar ao conceito de patrimônio



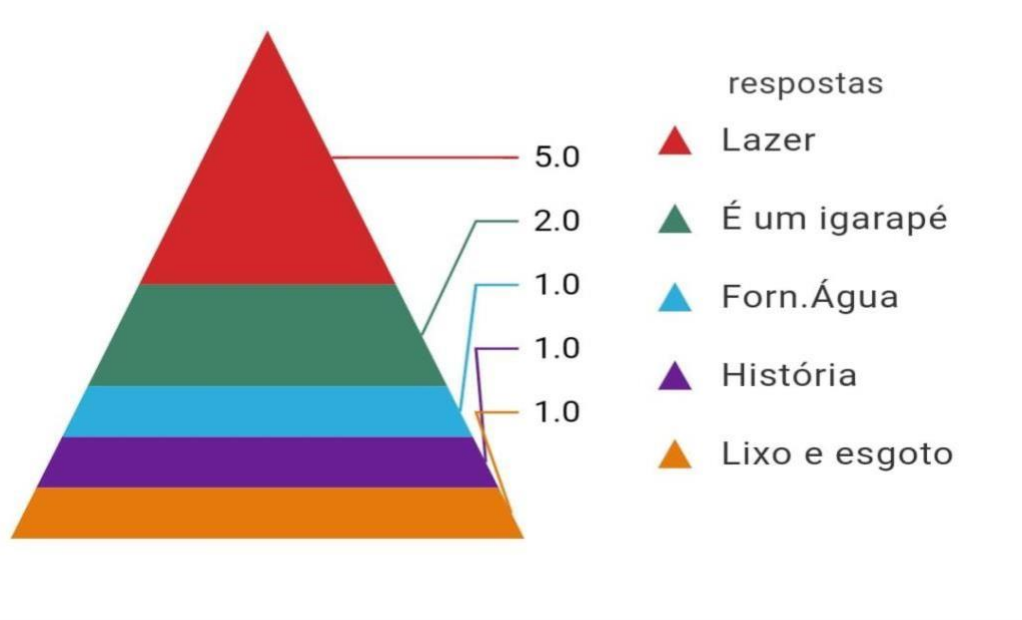
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quando foi pedido para os alunos da Escola Adélia Carvalho Sodré, que marcassem 2 alternativas entre 4 de elementos que os mesmos compreendiam como tendo relação com

patrimônio, 30% deles marcaram natureza e manifestações artísticas, outros 30% escolheram as opções monumentos e natureza, e 10 % marcaram somente natureza. Através desses dados é possível perceber um aumento da menção à natureza em grande parte das respostas, quando se compara com a primeira escola analisada. Isto pode ter ocorrido por grande parte dos alunos serem da zona rural, tendo em vista a maior procura desses alunos à essa escola, e consequentemente devido, sua realidade de maior contato com os elementos naturais, sua visão possa ser influenciada por isto.

Assim, dentre os 60% que escolheram a opção natureza, associam também o elemento manifestações artísticas e monumentos ao seu entendimento de patrimônio. É válido pontuar que as manifestações artísticas aparecerem em 40% das respostas, e apenas 10% responderam monumentos e museu. É evidenciado assim, as diferentes visões patrimoniais e que abrangem aspectos que muitas vezes não são tão explanados nas aulas de História, destacando pontos que não foram tão citados pelas respostas da Escola Antônio Marques, posto que 70% dos alunos anteriormente analisados associaram patrimônio a monumentos e museus.

Gráfico 9 : Respostas da pergunta nº 3- De acordo com suas vivências explique o que o Rio Ipixuna é para você.



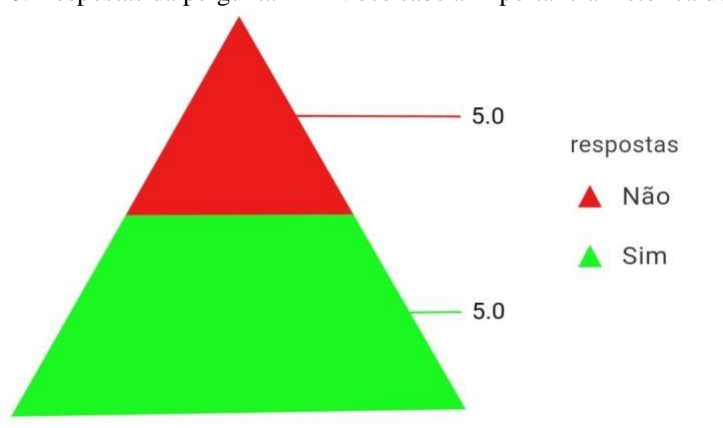
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao serem questionados sobre a significância do rio Ipixuna para eles, os discentes da Escola Adélia Carvalho Sodré tiveram respostas bem semelhantes às da Escola Antônio Marques. Sendo que 50% deles explanaram o rio como sendo um lugar de lazer, bom para

banhar, relaxar, estar com a família e comemorar datas especiais. Assim sendo, vemos mais uma vez como em grande medida que o rio é enxergado como apenas um lugar de divertimento, mas sua importância histórica e preservação raramente são mencionadas, como 10% dos alunos que indicaram o rio como lugar que “acompanha” a história de Ipixuna do Pará, evidenciando uma afirmativa que é feita nesse trabalho, que é o fato de ao falar de Ipixuna do Pará, fala-se do rio Ipixuna e vice-versa mesmo que de forma involuntária. Quando pensamos no aspecto de conscientização e preservação, 10% dos alunos disseram que o rio Ipixuna se resume a esgoto e lixos, demonstrando que apesar de pequena parte, existem discentes que consideram o rio para além do lazer e destacam as mazelas com que o qual está passando.

Essa percepção dos alunos com relação à poluição do rio Ipixuna é extremamente relevante, pois o reconhecimento dessas problemáticas é importante como primeiro passo para a sua atenuação. Para mais, 20% dos alunos pontuaram que o rio Ipixuna na verdade para é um igarapé; essa afirmação está ligada à realidade do alunado que por possuírem os chamados por eles de igarapés no quintal de suas casas, como é o caso de alunos de zona rural e até mesmo na zona urbana onde muitos chamam a parte percorrida pelo rio Ipixuna no centro da cidade de igarapé. Essas afirmações podem ser associadas ao fato de que grande maioria dos discentes e habitantes em geral de Ipixuna do Pará, não terem noção da dimensão do rio Ipixuna, pois só se atentam à “parte” visível a eles. Sendo assim, é desconsiderado todo o trajeto percorrido pelo rio tanto na zona urbana como também rural do município. Outrossim, a ideia de igarapé também está ligada ao fornecimento de água para comunidades que ainda não possuem água encanada, como frisaram 10% das respostas.

Gráfico 10: Respostas da pergunta n°4- Você sabe a importância histórica do Rio Ipixuna?



Fonte: elaborado pela autora (2023)

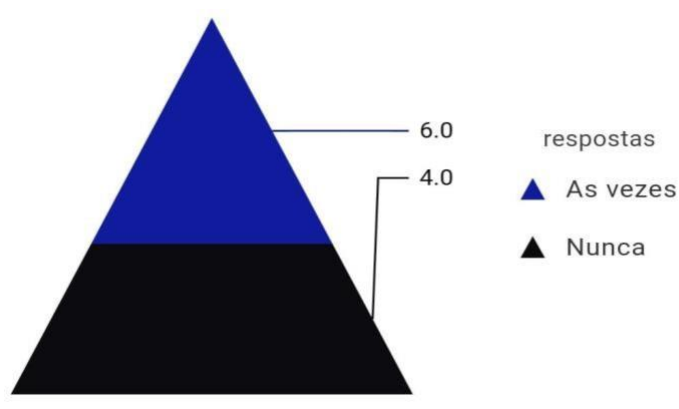
Ao observar o Gráfico 10 notamos que houve equilíbrio de respostas dos alunos, onde 50% responderam que não sabem a importância histórica do rio Ipixuna e 50% indicaram saber

desta importância. Ao analisar a justificativa dos discentes que responderam sim, foi perceptível respostas simples, como 20% deles que associaram a importância histórica do rio ao divertimento que os mesmos têm através dele. Sob outra ótica, 20% deles pontuaram achar o rio Ipixuna importante por fazer parte da fundação da cidade de Ipixuna, e nas palavras deles o rio se caracteriza como “*praticamente a identidade da cidade*”. No mais, 10% frisaram a importância do rio por existir há muito tempo e que irá continuar existindo em benefício de gerações futuras.

É relevante enfatizar como os alunos, ao associarem o rio Ipixuna como importante na formação de Ipixuna, destacam-no como contribuição da identidade da cidade. Isto evidenciou alguns dos argumentos deste trabalho, como ao olhar para o rio ou abordá-lo nas aulas de História, além de trazer uma visão mais abrangente da história do município, estimula o sentimento de pertencimento e identidade dos seus habitantes para com seu lugar. Assim Danielle Ferreira pontua: “o processo de formação e de reconhecimento dessa identidade deve fazer parte da formulação e execução de políticas públicas que contemplem o patrimônio.” (FERREIRA, 2013. p. 2) A autora destaca que, para que haja a construção desses sentimentos de pertencimento e identidade é necessário haver um conjunto de ações para que haja desde o reconhecimento de patrimônios até sua preservação, e a escola é instrumento fundamental para desenvolver estas ações.

É crucial ressaltar também as respostas de 20% dos alunos que indicaram a importância histórica do rio Ipixuna como sendo atrelado a ele ser um lugar para se divertir, pois através desses momentos vividos e memória afetivas adquiridas por meio do rio, também se evidencia sua importância para a história individual e coletiva do município de Ipixuna do Pará. No mais, é válido citar que 10% dos discentes pontuaram mais uma vez o fato da relevância de já existir o rio muito antes da cidade e que o mesmo servirá para gerações futuras; a partir dessas concepções é que o professor de História deve explanar a necessidade de se cuidar do rio Ipixuna de forma individual e cobrar ações coletivas também, para que só assim o mesmo esteja presente também de forma saudável na memória de mais e mais cidadãos de Ipixuna do Pará.

Gráfico 11: Respostas da pergunta n°5- Com que frequência o Rio Ipixuna é abordado nas aulas de história?

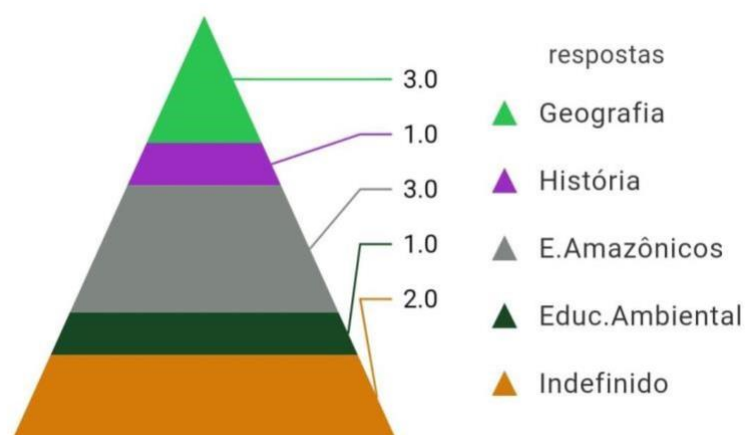


Fonte: elaborado pela autora

Primeiramente é importante mencionar novamente que ao serem perguntados acerca da frequência que o rio Ipixuna é abordado nas aulas de História, os alunos tinham três opções: às vezes, nunca e constantemente. Mais uma vez a opção “constantemente” não foi citada, evidenciando que é muito difícil ter abordagens ambientais de forma contínua nas aulas de História. Outrossim, 40% dos estudantes disseram que nunca tinham ouvido falar do rio Ipixuna nas aulas de História e a maioria (60%) afirmaram que às vezes tiveram essa abordagem nas aulas. Dessa forma, pode-se inferir que o fato de grande parte nunca ter ouvido falar do rio Ipixuna nas aulas de história ou apenas as vezes, pode ter como causa a circunstância de grande parte dos professores de História não buscarem trazer os aspectos ambientais às suas aulas, por julgarem como não importantes ou de “função” de outras áreas de conhecimento.

Reflexo disso foi o momento antecessor deste trabalho no processo de pesquisa, onde no momento em que foi solicitado às professoras de História para que fosse separado um dia de suas aulas para a aplicação dos questionários, as docentes questionaram o tema da pesquisa e quando foi falado que seria o rio Ipixuna como abordagem de patrimônio ambiental, houve espanto por partes das professoras e questionaram o motivo de estar pesquisando o rio, sendo que não seria correspondente à área da História e existia outras tantas coisas “mais importantes” para discutir ao pensar em Ipixuna do Pará. Isto posto, é perceptível como o campo da História ambiental ainda não é tão difundido e valorizado pelos próprios profissionais de História em Ipixuna do Pará.

Gráfico 12: Respostas da pergunta nº6- Em que momento em sua escola, você ouviu falar do Rio Ipixuna? Obs; podendo ser nas aulas de história ou de outras disciplinas.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Neste gráfico vemos claramente como se dá a fragmentação de conteúdos e a falta de interdisciplinaridade, quando o rio Ipixuna segundo os alunos é abordado principalmente nas disciplinas mais “tradicionais” de se terem aspectos ambientais como foco, como foi mostrado em 30% das respostas que indicaram geografia, 30% pontuando a disciplina de estudos amazônicos e 10% no componente curricular educação ambiental. Percebemos que a História foi citada apenas por 10% dos alunos e 20% indicaram que não sabem definir algum momento em que o rio foi mencionado na escola.

A partir da análise dos 20% dos discentes que apontaram não saber definir o momento em que o rio Ipixuna foi mencionado em sua escola, pode-se pensar que a abordagem não foi feita de forma abrangente e com estratégias metodológicas eficientes, haja vista que não ficou marcada na memória da trajetória estudantil dessa parte dos estudantes. Por conseguinte, sabendo que apenas 10% das respostas indicaram ter ouvido falar do rio especificamente nas aulas de História, dessa maneira é perceptível a necessidade de integrar as discussões ambientais nas aulas de história, tendo em vista que mesmo de forma transversal como pontua Ana Vieira e Wesley Kettle (2022), os debates relacionados ao meio ambiente estão presentes nas diretrizes curriculares, porém os mesmos frisam como é necessário perceber as relações com o meio através das diversas concepções e tempos históricos.

3.2 Olhar dos antigos: entre concepções e vivências refletidas nas entrevistas

Este trabalho busca apontar o rio Ipixuna como uma abordagem de patrimônio ambiental, para tal foi necessário entender de que forma o rio era visto e compreendido por sua população. Através disso, teve-se como objetivo observar e analisar as visões dos alunos sobre o rio Ipixuna e o conceito de patrimônio, tendo em vista que muitas vezes as opiniões dos alunos são silenciadas. E para concluir foi escolhido também trabalhar com entrevistas com moradores antigos da cidade com o anseio de trazer um dinamismo á pesquisa, apontando tanto a visão da população mais jovem de Ipixuna do Pará, através dos alunos das escolas que preencheram os questionários, como a percepção mais madura acerca do rio e da construção da cidade explanadas pelos moradores antigos, através das entrevistas.

Segundo Alessandro Portelli: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.” (PORTELLI, 1997, p. 31). Por isto a escolha da História oral, por trazer a possibilidade de por meio dos relatos dos entrevistados descortinar aspectos, dinâmicas, sociabilidades que em grande medida não são explanados e evidenciados nos documentos escritos e oficiais. Portelli (1997) também frisa que ao transcrever materiais auditivos em escritos, inevitavelmente os relatos estão passíveis de mudanças geradas pela interpretação, além dos próprios tons e pausas na voz, cujos são extremamente difíceis de se reproduzir na escrita.

A partir dos apontamentos supracitados, é relevante citar que as entrevistas foram realizadas mediante a autorização dos entrevistados, para a transcrição de suas falas, a escolha das pessoas foi feita por serem moradores antigos do município e por residirem ou terem residido em locais que o rio Ipixuna percorre. Foi explicado que o objetivo era alcançar dados para um trabalho sobre Ipixuna do Pará, utilizando como uma das fontes as vivências das pessoas entrevistadas, sendo válido pontuar que não foi dito o título deste trabalho, assim como também não foi colocada nas perguntas direcionadas aos entrevistados, palavras como rio ou patrimônio ambiental, para que não fossem induzidas nenhuma menção ao rio nos relatos e que caso surgissem fossem espontâneas. Com o objetivo de preservar a identidade das pessoas entrevistadas, serão utilizados aqui nomes fictícios para designá-los (Maria de 51 anos, Joana de 74 anos, Antônia de 51 anos, Conceição de 74 anos e Francisco de 69 anos). Segue abaixo as 3 perguntas feitas aos entrevistados:

- 1- Como se deu sua chegada em Ipixuna do Pará ou Vila de Ipixuna?
- 2- De que forma você desenvolvia seu sustento?
- 3- Como se desenvolvia sua rotina de afazeres?

Através da análise das entrevistas, foi percebido uma constante menção da natureza e a relação dos entrevistados com a fauna e flora durante suas vivências na vila de Ipixuna e seus arredores, sendo que, o rio Ipixuna apareceu em todos os relatos de diferentes formas e momentos. Em primeiro momento, vamos entender como se deram a chegada destes habitantes de Ipixuna do Pará e como os mesmos relatam as circunstâncias deste fato. Ao serem questionados acerca disso, os entrevistados em suma maioria citaram o termo “atrasada” para caracterizar a Vila de Ipixuna comparando-a ao que é a cidade hoje, os habitantes associam o mato e a juquira presentes de forma demasiada, como sinônimo de atraso ao local. O termo juquira é utilizado pelos entrevistados para caracterizarem o mato grosseiro que nasce após as colheitas nas áreas de plantações ou em áreas abandonadas.

Nesta perspectiva, Carlos Marés (2017) discorre como o projeto de modernidade encabeçado a moldes europeus empurra a natureza para longe dos centros urbanos “A natureza e as sociedades naturais são considerados entraves ao desenvolvimento humano, quer dizer, moderno.” (MARÉS, 2017, p. 17), é possível mencionar um trecho que reflete bem o que foi supracitado, Conceição explana: *No que hoje a gente ver a cidade era muito atrasado antigamente, onde é a praça era só um matagal, tinha até caça eu acho lá, agora muita coisa evoluiu*, como podemos perceber a “evolução” da cidade está constantemente ligada a falta de mata e a construção da praça, e isto é refletido em quase todos os relatos que aparecem a palavra praça.

É importante dar destaque também a palavra mata ou mato, cujo é muito mencionada juntamente com a presença da juquira. Em um dos trechos dos relatos da entrevistada Maria é deixado claro a aversão ao mundo natural presente em muitas visões dos habitantes: *Antes da gente vim, o meu pai veio e gostou das terras, mamãe não queria vir porque disse que não era "macaco" pra viver no meio da mata*. É percebido como é latente a tentativa de separação do ser humano com a natureza tomando como base esta narrativa, Donald Worster ao discutir as especificidades da História ambiental explana a cerca disto: “Esta nova História rejeita a suposição comum de que a experiência humana tem sido isenta de constrangimentos naturais, que as pessoas são uma espécie separada e singularmente especial”, Worster frisa justamente a oposição de seus estudos com relação a ideia de separação e superioridade humana, perante o mundo natural.

Por conseguinte, outro ponto que é mencionado em todos os relatos é o fato, da realidade dos entrevistados serem muito difíceis assim que chegaram na Vila de Ipixuna e seus arredores, entre as dificuldades apontadas está o fato de não terem acesso a transportes, além da canoa, utilizando o rio como estrada para se locomover. Ao analisar este aspecto é possível fazermos uma analogia com as observações feitas por Gilmar Arruda, a respeito dos usos dos rios no Estado do Paraná, cujo já foi mencionado no presente trabalho, Arruda (2006) destaca que entre as primeiras formas de se utilizar dos rios, está a navegação, assim ao analisar o contexto ipixunense, os entrevistados demonstram os impasses em decorrência da utilização das Canoas e o medo perpassado pelo perigo do rio. Podemos observar nesse trecho da fala de Francisco: *só andava de canoa, arriscando a vida no rio*, em outro momento o mesmo relata: *“eu vendia goma também, ia pelo rio Ipixuna na canoa pra levar a goma pra vender, fazia muita força não era fácil*. Notamos aqui como as dinâmicas sociais dos entrevistados tinham o rio Ipixuna como elemento crucial.

Para mais, o rio Ipixuna apareceu em grande parte dos relatos através da frase *“beira do rio”*. Os entrevistados pontuaram que quando chegaram a Vila de Ipixuna, firmaram morada a beira do rio Ipixuna, os mesmos elencam alguns motivos para residirem nesta área, como a própria falta de água encanada, sendo necessário fazer grande parte de seus afazeres no rio, como lavar roupa, louça, o próprio banho e a sua utilização como via de transporte como já foi mencionado. Nesse sentido, Krenak (2022) nos diz que ao redor de todo mundo inúmeras localidades com habitação de grupos humanos foram atraídas pelos corpos d’água. Podemos perceber as razões pelas quais os habitantes escolhiam a beira do rio para morar através de suas próprias narrativas, nas palavras de Joana: *Caça e peixe, era muita fartura graças a Deus. De manhã, tarde e de noite tinha peixe, veado, cutia... ainda hoje ainda pega peixe aqui no rio*.

Conceição também explana: *A gente sobrevivia de algum peixe que os meninos pegavam,, eles já tavam grandinhos aí eles pescavam porque era fácil por ser a beira do rio*. Verificamos aqui como a localização do rio é atrelada a facilidade de alimentação e abundância, entende-se assim uma das razões dos mesmos serem atraídos pelos rios. É notório também, a importância do rio quando é o observado em um dos relatos sobre a Vila de Ipixuna, Antônia destaca: *Quando cheguei não tinha rua, só caminhos, tinha caminho pra ir no comércio comprar as coisas e pra ir pro garapé.*, vemos que só existia caminhos na vila para os locais de mais importância para se ir, o comércio e o “garapé” que ela indica que é o rio Ipixuna, muitos deles o nominam como garapé por não saberem a dimensão do rio como foi evidenciado também nos questionários.

Dando continuidade, ao mencionarem sua chegada na Vila de Ipixuna e nas suas proximidades, a maioria dos habitantes citaram que a princípio moravam em um barraco de lona e que dentre as dificuldades que os mesmos passaram, desde a moradia, transporte, estavam também a realidade de alguns deles morarem distantes da vila de sua comunidade, sendo que segundo eles tinha muito mato no caminho para poder chegar na vila. Destarte, temos nesse momento um dos elementos mais importantes desta análise das entrevistas, que é o fato dos entrevistados utilizarem a palavra patrimônio para denominar as vilas de suas comunidades.

Com relação a diversidade de entendimentos com relação a patrimônio Danielle Ferreira destaca: “O patrimônio está imerso em significados que estabelecem conexão com a compreensão da realidade, necessitando de múltiplas interpretações para que a existência dos espaços patrimoniais possa fazer sentido” (FERREIRA, 2013, p. 5). A concepção de patrimônio ligada a vila, foi observado nos relatos de Joana: *Quando íamos pro Patrimônio, era só mateiro*” e de Conceição: *“Atravessamos pra lá com galinha nas mãos, com as crianças, passando pela beira do rio, das lamas até chegar lá, a gente morava ao redor do patrimônio da 11, acho que era por volta de 1985. Isto posto, vê-se como é diverso as percepções de patrimônio, não podendo ser englobado em um conceito fechado.*

Por fim, diante de todas as análises feitas nas entrevistas foi percebido que em todos os relatos a relação com a natureza aparece e um desses momentos é quando os entrevistados mencionam as roças e plantações. A realização de roças é apresentada por eles como principal forma de sustento no período de sua chegada em Ipixuna, que seriam plantações de diversos alimentos como milho, arroz e o principal a mandioca. Nota-se isto no relato de Francisco: *Trabalhava na roça, plantando, capinando, nossa profissão era a roça. Da roça nós fazia farinha pra vender, tirava goma pra comer e pra vender; tinha arroz, milho, a gente criava galinha. Trazendo o foco para a mandioca, que é matéria prima para se fazer a farinha e a goma, percebemos como um mesmo alimento pode servir para se fazer diversos outro alimentos e possibilidades de ganho para o entrevistado, tanto para a subsistência, quanto para a venda. Assim, é perceptível como o mundo natural está entrelaçado nas memórias dos entrevistados seja através da sua relação com o rio Ipixuna, como também nas suas dinâmicas cotidianas com suas plantações, influenciando diretamente nas suas vivências e sendo uma excelente alternativa para explanar e dar visibilidade às suas histórias. Afinal, como pontua Donald Worster (1991) ao entender a natureza como agente histórico se descortina novos aspectos cruciais, que atuam no decorrer do tempo, desvinculando a História de um aspecto apenas político e ocupado pela elite.*

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado até aqui, esse é um trabalho que traz o foco para a o debate acerca das concepções patrimoniais e a História ambiental, com ênfase no rio Ipixuna. Houve o objetivo de dar visibilidade a estas temáticas que apesar dos avanços, no sentido de cada vez mais historiadores pesquisando sobre; ainda se revela um desafio ao observar as práticas dos docentes principalmente na educação básica. Foi observado através desta pesquisa, a aparente dificuldade que os profissionais de História possuem em abordar a relação sociedade-natureza no âmbito da História, tendo em vista que por meio das análises dos questionários preenchidos pelos alunos foi perceptível a pouca abordagem do rio Ipixuna nas aulas de História e quando feita, com pouca efetividade.

Evidenciou-se a realidade de Ipixuna do Pará, como município amazônico que esteve inserido no processo de ocupação do território da Amazônia especialmente na década de 60 e isto foi refletido na urbanização desordenada da cidade e conseqüentemente no tratamento do rio, haja vista que em decorrência da falta de planejamento, esgotos são despejados dentro dele. Motivo pelo qual muitos dos alunos apontaram o rio Ipixuna como apenas como lugar de esgoto e lixo, evidenciando a importância de problematizar o tratamento do rio na cidade e de se trazer as várias faces do mesmo nas aulas de História, explanando sua importância histórica para a construção do município, as memórias que perpassam o caminho que ele percorre e as realidades das pessoas que estão inseridas nas suas margens.

Um dos propósitos alcançados neste trabalho, foi mostrar as diversas visões sobre o rio Ipixuna e os contextos que influenciam essas visões, para isso foi escolhido fazer os questionários com os alunos e por outro lado entender as concepções dos mais antigos sobre suas vivências e relações com o rio Ipixuna, demonstrando também como são múltiplas as conceitualizações de patrimônio seja no âmbito escolar, como da população ipixunense em geral, principalmente da zona rural. Ao pensar no rio, grande parte dos discentes ligaram o rio ao lazer e relaxamento dos mesmos com sua família, esta visão é muito importante também para perceber as memórias afetivas vinculadas ao rio Ipixuna e como isso também está ligado a sua percepção como patrimônio ambiental.

Ao analisar os questionários evidenciou-se em sua maioria uma visão mais tradicional dos alunos ligando patrimônio a coisas materiais, como monumentos e propriedades. Mas

também, cabe ressaltar uma notória quantidade de vezes que a natureza apareceu como possibilidade de patrimônio a eles, podendo estar associado ao fato da realidade que os mesmos estão inseridos, como o fato do rio Ipixuna está localizado no meio da cidade e as árvores ainda se fazerem presentes em grande parte do território da cidade, e além disso quando se pensa nos alunos da zona rural a ligação com a natureza é ainda mais forte, tendo em vista suas vivências mais próximas com o mundo natural. É importante se pensar que apesar de muitos alunos e moradores antigos não conceitualizarem o rio como patrimônio, é possível através de seus relatos, das suas vivências e a inserção do rio em suas histórias, que o rio Ipixuna pode ser considerado patrimônio para eles.

Sob outra ótica, é extremamente relevante frisar as dimensões locais da palavra patrimônio, reveladas nas comunidades rurais onde para os entrevistados e para alguns alunos, patrimônio se configura como a vila de sua comunidade. Para além dos questionários, as entrevistas trouxeram uma gama de detalhes extremamente relevante a este trabalho, haja vista que demonstrou as relações que se deram dos habitantes antigos para com o rio Ipixuna, demonstrando como grande parte das ações dependiam ou tinha influência do rio e do meio ambiente como um todo, seja a fauna ou flora. Mostrou-se como através do rio, das plantas e dos animais é possível entender cotidianos, dinâmicas sociais e personagens que em grande medida são silenciados na História.

Apesar de tentar trazer diferentes visões sobre patrimônio, o rio Ipixuna e a possibilidade de o abordar como patrimônio ambiental, ainda há um leque de oportunidades para se pesquisar mais a fundo sobre o rio Ipixuna e as sociabilidades que perpassam Ipixuna do Pará, seja analisando as considerações dos próprios professores de História no que diz respeito às suas dificuldades e opiniões sobre a explanação da educação patrimonial e a História ambiental, como também se dedicando a discussões mais específicas, como as cheias do rio Ipixuna que ocasionam enchentes todos os anos na cidade e as realidades das pessoas que moram às margens do rio, sofrendo diretamente as consequências. As possibilidades são múltiplas e este trabalho busca ser apenas uma janela para os outros que virão.

Por fim, é preciso frisar que mesmo o rio Ipixuna sendo tão importante para a História do município de Ipixuna do Pará e de seus habitantes, fazendo parte da identidade ipixunense, o mesmo é desassistido pelas políticas públicas, tendo em vista a falta de setores específicos de saneamento e a ausência de ações dos órgãos que deveriam proteger o meio ambiente. É inadmissível esgotos serem despejados no rio e não haver nenhuma mobilização quanto a isso,

dessa forma o primeiro passo para que haja a atenuação dessa problemática parte da educação. É fundamentando um pensamento crítico no alunado e explanando a importância histórica do rio Ipixuna que irá se fomentar uma cobrança maior por parte da população com relação as mazelas ambientais que perpassam o rio Ipixuna. No mais, até aqui se percebeu como é importante e transformador para a História e seu ensino o enfoque na História ambiental em conjunto com a História local, é explícito que os desafios existem mas cabe ao professor de História escolher trazer a tona a riqueza de informações que são descortinadas a partir da análise do meio ambiente, a visibilidade de detalhes e sujeitos que muitas vezes são esquecidos propositalmente na História ou continuar disseminando uma História positivista, conteudista e limitada a conteúdos fragmentados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História Oral*, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul-dez. 2012.
- ALMEIDA, Conceição. **As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX**. 2010. Tese de doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2010. p. 97-132.
- ALMEIDA, Marcos Carmo de. **“Para onde ir”? estudo sobre deslocamento de populações e exploração mineral no Pará**. Monografia. Belém: UFPA, 2014.
- ALMEIDA, Marcos Carmo de. **A colônia união e a luta pela terra na rodovia belém-brasília: o sindicato, a igreja e atores políticos 1980-1993**. IOEPA, 2019.
- ARRUDA, Gilmar. **O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade, Patrimônio e Memória**, São Paulo, v.2, n.2, p. 110-125, 2006.
- ARRUDA, Gilmar. **Consciência histórica, ensino de história e educação ambiental**. HISTÓRIA E ENSINO, Londrina, v. 12, P .113-122, ago. 2006.
- ARRUDA, Gilmar. **Rios e governos no Estado do Paraná**. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol.24, N39: p.153-175 -2008.
- BAPTISTA, Márcio. CARDOSO, Adriana. **RIOS E CIDADES: uma longa e sinuosa história...** Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 2. p. 124-153, Jul/dez, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes, **Meio ambiente e ensino de história**. HISTÓRIA E ENSINO, Londrina. v. 9, p 63-96, 2003.

CAPILÉ, Bruno. **A transformação da siconatureza carioca e apropriação das seções do alto curso dos rios urbanos no final do século XIX.** XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

CAPILÉ, Bruno. **Rios urbanos e suas adversidades: repensando maneiras de ver as cidades.** HALAC. Guarapuava, volumen V, número 1, septiembre 2015-febrero 2016, p. 8195.

CARVALHO, Ely Bergo de. **“A natureza não aparecia nas aulas de História,”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História.** História Oral, v. 1, n. 15, p. 107-129, Jan-jun. 2012.

CORDOVIL, Wendell Presley Machado. **UMA QUESTÃO MESMO DE SOBREVIVÊNCIA: Professores de Ananindeua (PA) e a Educação Ambiental nas aulas de História.** Monografia. Faculdade de História, Universidade Federal do Pará. Ananindeua, 2021.

COUTO, Aiala Colares. **A AMAZÔNIA E O PENSAMENTO DESENVOLVIMENTISTA PARA A REGIÃO: DO DESENVOLVIMENTO GLOBAL AO DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL.** In: NUNES, Cristian da Silva. SOCIEDADE, ESPAÇO E POLÍTICAS TERRITORIAIS NA AMAZÔNIA PARAENSE. GAPTA/UFGA, Belém-PA, 2013. P. 35-51.

CURA, Sara. PACHECO, Luiz. VIANA, Willian Carboni. **Especialidades e ressonâncias do Patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento.** Revista de Geografia e Ordenamento Do Território (GOT). Lisboa, Portugal, p. 83-98, jun, 2017.

FERREIRA, Danielle. **Livro didático e Patrimônio Histórico: possibilidades de análise nos livros didáticos regionais.** XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 22 a 26 de julho, 2013.

FIGUEIRÓ, Fernanda. **Identidades e patrimônio histórico cultural em livros didáticos de história do PNLD 2010 e 2013.** Monografia- Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

Forte chuva alaga casas e deixa 650 famílias desabrigados em Ipixuna do Pará, G1 PA- Belém, 16/02/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/02/16/forte-chuvaalaga-casas-e-deixa-desabrigados-em-ipixuna-do-para.ghtml>. Acesso em: 07/06/2023.

FUNARI, Pedro Paulo. CARVALHO, Aline. **O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 33-47, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo. **Gestão, preservação e acesso a documentos digitais: patrimônio cultural e diversidade.** Revista Cadernos do Ceom. 18(22), 213-230, 2005.

GARNERO, Gabriel. **El estudio histórico de ríos: una propuesta teórica-metodológica.** In: URGUIJO, Pedro S., LAZOS, Adi E., LEFEBVRE, Karine (org). Historia Ambiental da América Latina: Enfoques, procedimientos y cotidianidades. Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones em Geografía Ambiental, 2022, p. 435-455.

GORSKI, Maria Cecilia Barbieri. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação.** 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Selva. **O estudo da História local e a construção de identidades**. Didática e prática de ensino de história. São Paulo: Campinas, 2009.

Gutjahr, A. L., Araújo, L., Matos, E. ., & Braga, C. E. (2014). **DIAGNÓSTICO E MAPEAMENTO DAS FONTES DE CONTAMINAÇÃO DO RIO IPIXUNA**. ESTADO DO PARÁ, BRASIL. ENCICLOPEDIA BIOSFERA, 10(19). Recuperado de <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/2446>

HOBSBAWM, Eric J. **Um histoiiren et son temps présent**. In: INSTITUT d'Histoire Du Temps Présent. **Ecrire l'histoire du temps présent**. Paris, CNRS Editions, 1993. _____
Sobre a história. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Ipixuna do Pará (PA). Prefeitura. 2009. Ofício encaminhado ao IBGE contendo o histórico do município.

JESUS, Victor. **RACISMO AMBIENTAL, NAVIOS DE LIXO E QUARTO DE DESPEJO: A GEOPOLÍTICA NEOCOLONIAL AMBIENTALMENTE TÓXICA DO DESCARTE DE RESÍDUOS NOS PAÍSES “LIXEIRAS DO MUNDO”**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) 14 (Ed. Especi), 25-51, 2022.

KETTLE, Wesley de Oliveira. **A perspectiva ambiental e o Ensino de História na Amazônia**. Revista do Lhiste, Porto Alegre, n. 6, v. 4, Jan/dez. 2017.

KETTLE, Wesley de Oliveira. OLIVEIRA, Ana Vieira. **DO NILO AO PARACAUARI: OS RIOS NA AULA DE HISTÓRIA**. In: KETTLE, Wesley. Barbosa, Estevão. História pelos rios do Brasil. Editora Olyver, 2022, p. 206-221.

KRENAK, Ailton. **FUTURO ANCESTRAL**. Companhia Das Letras. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, tradução Bernardo Leitão ... [et al.] . – 5° ed. – Campinas-SP. Editora da UNICAMP, 2003.

MARÉS, Carlos. **DE COMO A NATUREZA FOI EXPULSA DA MODERNIDADE**. Revista de Direitos Difusos, v. 68, jul-dez, 2017.

MELLO, Sandra Soares de. **NA BEIRA DO RIO TEM UMA CIDADE: urbanidade e valorização dos corpos d'água**. 2008. Tese de doutorado em Arquitetura e urbanismo. Universidade de Brasília, 15 de Setembro de 2008.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. Ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PELEGRINI, Sandra C.A, **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do Patrimônio cultural e ambiental**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140 , 2006.

PEREIRA, Danilo. **PATRIMÔNIO NATURAL: atualizando o debate sobre identificação e reconhecimento no âmbito do IPHAN**. Rev. CPC, v. 13, n. 25, p. 34-59, jan/set. 2018.

PEREIRA, Chyara Sales. **Modernidade, racionalização e natureza**. Revista Geografias, 135148, 2007.

POLLAK, Michael. **Memórias e Identidade Social**. In: estudos históricos. Rio de Janeiro, v.5. n.10, 1992. P. 200-212.

PORTELI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

RIBEIRO, Ligia Mara Barros. **CONTOS DE RIOS: memórias sobre as águas e o ensino de história em Santa Izabel do Pará.** Orientador: Prof^o. Dr^o. Wesley Oliveira Kettle. 2018. 213. Dissertação (Mestrado)- Mestrado Profissional em ensino de história. Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

SANTOS, Celine. XAVIER, Maria Renata. CORREA, Denilson. JUNIOR, Antônio. **Aplicação do índice de qualidade da água no rio Ipixuna e avaliação das condições de balneabilidade com a percepção ambiental dos usuários.** Research, Society and Development, v. 10, 2021.

SILVA, Glaci Teresinha. **A materialização da nação através do patrimônio: o papel do SPHAN no regime estadonovista.** Dissertação de mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8 , p. 198-215, 1991.

6. ANEXOS

6.1 ANEXO A: Modelo do questionário aplicados aos alunos

- I-** O que você entende por patrimônio?

- II-** Marque 2 alternativas que você julga se associar ao conceito de patrimônio.
() Monumentos () Natureza () Museu () Manifestações artísticas
- III-** De acordo com suas vivências, explique o que o Rio Ipixuna é para você!

- IV-** Você sabe qual a importância histórica do Rio Ipixuna?
() Sim – Qual _____

- () Não
- V-** Com que frequência o Rio Ipixuna é abordado nas aulas de história?
() Nunca () As vezes () constantemente
- VI-** Em que momento em sua escola, você ouviu falar do Rio Ipixuna ? Obs: Podendo ser nas aulas de história ou de outras disciplinas.

